

Slam de la Frontera: memorial descritivo da trajetória de um coletivo de poesia
falada em Foz do Iguaçu

Jhenifer Rodrigues de Almeida

Foz do Iguaçu
2026

Slam de la Frontera: memorial descritivo da trajetória de um coletivo de poesia falada em
Foz do Iguaçu

Jhenifer Rodrigues de Almeida

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural – Artes e Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angelene Lazzareti

JHENIFER RODRIGUES DE ALMEIDA

Slam de la Frontera: memorial descritivo da trajetória de um coletivo de poesia falada em
Foz do Iguaçu

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e
História da Universidade Federal da Integração
Latino-Americana, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Mediação
Cultural – Artes e Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^{fa}. Dr^a. Angelene Lazzareti
UNILA

Prof^{fa}. Dr^a. Cristiane Checchia
UNILA

Prof. Dr. Fabio Guilherme Salvatti
UNILA

Foz do Iguaçu, 08 de julho de 2026.

A Nyara Rosa, que com seu nascimento me fez gigante.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de uma trajetória construída coletivamente e atravessada por encontros, aprendizagens e afetos. Revisitar memórias e sentimentos atravessados de várias formas e cair em conta que o Slam de la Frontera foi e é, um espaço de aprendizado, ousadia e revolução nesse território que se construiu e se consolidou. Isso não seria possível se nós não tivéssemos nos juntado e nos conhecido de maneira despretensiosa mas com muitas ganas de fazer o corre acontecer, e mesmo rodeadas de muitas diferenças de ideias, experiências e quereres fomos ousadas a apenas começar, sou agradecida a Amanda Coutinho, Aislene Lopes e Nayne Gutierrez, obrigada por se permitirem a ousar.

Agradeço a minha ancestralidade e aos meus orixás que sempre estiveram e estão comigo, mesmo quando me deixo cair e desacredito de minha força, são eles que me mantêm de pé e fortalecem meu ori na persistência dos altos e baixos da vida.

Agradeço ao lugar de onde vim e por onde passei pra construir minha caminhada, em especial a minha segunda cidade/casa Presidente Prudente, onde conheci pessoas queridas e que levo no coração, e onde me firmei mais ainda no movimento de rua, agregando ainda mais o que eu já estava carregando na bagagem desde Birigui.

Agradeço a esse território fronteiriço que me acolheu e me acolhe constantemente mostrando-me que mesmo sendo um lugar de fluidez e águas, tornando rio em cada aprendizado nossa vivência. Agradeço as minhas amigas artistas que tenho como referência cerca, com vocês meu repertório se expande e engrandece, em especial as minhas amigas pretas poetas Amanda Coutinho, Thaina Malta e Sueli Crespa, que com suas escrevivências me atravessam e fazem acreditar no poder da escrita.

Agradeço ao meu companheiro Daniel pela parceria que mesmo em meio a muitas diferenças que rodeiam nossas vivências, nos permitimos a construir nossa base familiar dessa mistura de Brasil e Colômbia. Nyara Rosa você é nossa luz, prosperidade e caminho.

Agradeço a quem foi fortaleza no meu momento de gestação, e quem é nesse momento do puerpério quando achamos que tudo vai desabar mas temos quem nos é alicerce, em especial minha amiga Maya Cristina, que foi a luz no fim do túnel quando mais me senti perdida, foi ela quem segurou minha mão e me acolheu nos momentos de angústia e de alegria. E as amigas mães acadêmicas que persistem nesse ambiente desafiador, saibam que vocês são referência de resistência e coragem, seguimos juntas!

Agradeço a minha família que mesmo distantes e entendo pouco da academia, apostaram em minha formação, em especial minha mãe dona Nadir, a quem sou grata por ter me dado a vida.

Agradeço eternamente a Biblioteca Comunitária Cidade Nova Informa, por ter nos acolhido e acreditado no movimento, e sempre que possível estarem aberto às propostas, ideias e projetos, agregando na nossa história em especial a dona Elza, que nos abriu o caminho pra atuar nesse espaço, ao Mano Zeu, dona Lidionete, sr. José Batista e Marcelo Botura, obrigada por todo apoio e carinho.

Agradeço a banca que por participar desse processo a Angi Lazzaretti pela acolhida e por acreditar neste trabalho, ao Fábio Salvatti por sempre fortalecer e estar presente nas edições do De la Frontera, quando lhe foi possível, e a Cristiane Checchia que agregou muito na minha formação como mediadora pelo projeto Direito à Poesia, no qual tenho muito respeito e carinho. Agradeço a Universidade da Integração Latino Americana por me ensinar tanto e por ser casa ao longo desses seis anos.

E agradecer a todas as amigadas que estiveram comigo nessa empreitada, a quem participou de uma ou mais de uma edição do De la Frontera, que fortaleceu de alguma forma batalhando, recitando uma poesia, vendendo seu produto, registrando, enfim meus mais sinceros muito obrigada, vocês têm muito nessa história. As oportunidades que a vida me deu e me dá constantemente, que mesmo em meio aos desafios e fraquezas, eu tenha a ousadia de me manter firme e forte na minha, e manter fé nos processos sempre. Obrigacias.

**Para poesia no hay barrera,
Slam De la frontera!**

RESUMO

O presente trabalho apresenta um memorial descritivo sobre a trajetória do Slam de la Frontera, coletivo de poesia falada atuante na cidade de Foz do Iguaçu-PR desde 2019. O objetivo é registrar e refletir sobre os processos de construção, desenvolvimento e impactos da iniciativa, compreendendo sua atuação como espaço de encontro, escuta, pertencimento e formação coletiva em território de fronteira. Como metodologia, utiliza-se o memorial descritivo, articulando memórias pessoais, registros fotográficos, documentos produzidos pelo coletivo e experiências vividas ao longo de sua trajetória. A análise destaca o slam como prática de mediação cultural, permitindo a circulação de narrativas, saberes e afetos, além de ampliar a participação de pessoas que são frequentemente invisibilizadas nos espaços culturais hegemônicos. As reflexões aqui apresentadas apontam para a contribuição do coletivo na promoção de diálogos, no fortalecimento de vínculos comunitários e na construção de espaços mais plurais de produção cultural na cidade. Conclui-se que o Slam de la Frontera desempenhou e desempenha um papel importante na valorização da diversidade, contribuindo com a formação de práticas culturais comprometidas com a transformação social.

Palavras-chave: Slam; Poesia falada; Mediação Cultural; Memória; Fronteira;

RESUMEN

El presente trabajo presenta una memoria descriptiva sobre la trayectoria del Slam de la Frontera, colectivo de poesía oral que actúa en la ciudad de Foz do Iguaçu, estado de Paraná (Brasil), desde 2019. El objetivo es registrar y reflexionar sobre los procesos de construcción, desarrollo e impactos de esta iniciativa, comprendiendo su actuación como un espacio de encuentro, escucha, pertenencia y formación colectiva en un territorio fronterizo. Como metodología, se emplea la memoria descriptiva, articulando memorias personales, registros fotográficos, documentos producidos por el colectivo y experiencias vividas a lo largo de su trayectoria. El análisis destaca el slam como una práctica de mediación cultural, que permite la circulación de narrativas, saberes y afectos, además de ampliar la

participación de personas que frecuentemente son invisibilizadas en los espacios culturales hegemónicos. Las reflexiones aquí presentadas señalan la contribución del colectivo a la promoción del diálogo, al fortalecimiento de los vínculos comunitarios y a la construcción de espacios más plurales para la producción cultural en la ciudad. Se concluye que el Slam de la Frontera ha desempeñado y continúa desempeñando un papel importante en la valorización de la diversidad, contribuyendo a la consolidación de prácticas culturales comprometidas con la transformación social.

Palabras clave: Slam; Poesía oral; Mediación Cultural; Memoria; Frontera.

ABSTRACT

This study presents a descriptive memorial on the trajectory of Slam de la Frontera, a spoken word poetry collective active in the city of Foz do Iguaçu, Paraná, Brazil, since 2019. Its objective is to document and reflect upon the processes of creation, development, and impact of the initiative, understanding its role as a space for encounter, listening, belonging, and collective learning in a border territory. The research adopts the descriptive memorial as its methodology, bringing together personal memories, photographic records, documents produced by the collective, and lived experiences throughout its history. The analysis highlights slam as a practice of cultural mediation that enables the circulation of narratives, knowledge, and shared experiences while expanding the participation of people who are often marginalized within dominant cultural spaces. The reflections presented point to the collective's contribution to fostering dialogue, strengthening community ties, and building more plural spaces for cultural production in the city. It is concluded that Slam de la Frontera has played, and continues to play, an important role in valuing diversity and in promoting cultural practices committed to social transformation.

Keywords: Slam; Spoken Word Poetry; Cultural Mediation; Memory; Border.

LISTA DE IMAGENS

Foto 1: Atividade de saída fotográfica na matéria de Fotojornalismo, 2017

Foto 2: Apresentação do Grupo Percussivo Maracanois, 2017

Foto 3: Formação Coletivo Mãos Negras, 2017

Foto 4: Batalha do Vale, 2017

Foto 5: Segunda Feira do Empreendedor de Rua, 2017

Foto 6: Primeira Edição Coletivo Santo Útero, 2019

Foto 7: Roda de conversa Coletivo Santo Útero, 2019

Foto 8: Recém chegada na UNILA em Foz do Iguaçu, 2019

Foto 9: Primeira edição do Slam de La Frontera, 2019

Foto10: Primeira edição do Slam de La Frontera, 2019

Foto 11: Roda de conversa sobre como construir um Slam, 2019

Foto 12: Acervo Tomie Otake, Rio de Janeiro, 2024

Foto 13: Coletivo Slam Pé Vermelho, 2025

Foto 14: Slam Contrataque na praça Cavalo Babão em Curitiba, 2020

Foto 15: Primeira edição do Slam De la Frontera, 2019

Foto 16: Segunda edição do Slam De la Frontera, 2019

Foto 17: Terceira edição do Slam De la Frontera, 2019

Foto 18: Edição especial Mês da Visibilidade Lésbica, 2019

Foto 19: Bituqueira personalizada de cano PVC, 2019

Foto 20: Lixeira personalizada, 2019

Foto 21: Xayenne Prado Keller, 2019

Foto 22: Terceira edição, 2019

Foto 23: Exibição do curta Cor de Pele, 2019

Foto 24: Sexta edição, 2019

Foto 25: Primeira edição pós pandemia, 2022

Foto 26: Oficina de breakdance com Fabinho, 2022

Foto 27: Participação da Trava da Fronteira, 2022

Foto 28: Edição de retorno do semestre, 2022

Foto 29: Atividade no CAPS AD., 2022

Foto 30: Dia da Luta Antimanicomial na Praça da Paz, 2022

Foto 31: Dia da Luta Antimanicomial na Praça da Paz, 2022

Foto 32: Aniversário de três anos, 2022

Foto 33: Aniversário de três anos, 2022

Foto 34: Oficina de corpo com Rayuni Unum, 2022

Foto 35: Oficina de lambe-lambe com Pedro e Doug, 2022

Foto 36: Slam Paraná em Curitiba, 2022

Foto 37: Trava da Fronteira, Poeta Gabriela e Cigano, 2022

Foto 38: Aniversário de quatro anos Slam De la Frontera, 2023

Foto 39: Slam Paraná 2023

Foto 40: Slam Paraná 2023

Foto 41: Slam Paraná 2023

Foto 42 : Slam Paraná no CNI, 2025

Foto 43: Slam Paraná no CNI, 2025

Foto 44 : Slam Paraná no CNI, 2025

Foto 45: Primeiro fanzine do De de La Frontera, 2019

Foto 46: Primeiras camisetas do Slam De la Frontera, 2022

Foto 47: Produtos Slam de La Frontera, 2024

Foto 48 : Primeira vez como slammaster, 2019

Foto 59 : Slammaster no Slam Paraná, 2025

SUMÁRIO

1. Introdução ou Dos caminhos que me conduziram até o Slam de La Frontera.....	13
2. SLAM DE LA FRONTERA.....	22
2.1 Breve História do Slam.....	23
2.2 Influências do Slam de la Frontera.....	26
2.3 Desenvolvimento do Slam de la Frontera.....	30
2.4 Principais edições do Slam de La Frontera.....	34
3. Outras ações e participações do Slam de La Frontera.....	63
4. Materiais Slam de La Frontera.....	64
Conclusão.....	65
Referências Bibliográficas.....	68

1. Introdução ou Dos caminhos que me conduziram até o Slam de La Frontera

Me chamo Jhey e sou natural de Birigui, interior de São Paulo. Desde que me conheço por gente sempre estive envolvida em muitas coisas, e quando digo muitas, são muitas mesmo. Minha mãe sempre fez questão de que eu e meu irmão nos mantivéssemos “com a mente ocupada”, já que a mente parada seria “a oficina do diabo”. Entre os 9 e 16 anos, pratiquei atividades que me possibilitaram experimentar habilidades, como natação, judô, ballet, basquete, dança com cordas, dança de salão, tênis de mesa, serigrafia e teatro. Nos primeiros anos escolares, tive a sorte de estudar em uma escola de ensino fundamental municipal (E.M.E.F. Profª Lucinda Araújo Pereira Giampietro), onde se incentivava a curiosidade pelas várias linguagens artístico-culturais. Era mágico pra nós. Todo mês aprendíamos uma música da MPB, que cantávamos antes de iniciar a aula (embora, antes disso, fosse preciso rezar o Pai-Nosso para, de fato, iniciar o dia). Quase todo mês vivenciávamos algum evento cultural, como dia da família, festa junina, dia das crianças, festival cultural, campeonato de esportes e outras atividades semelhantes.

Além da vivência em eventos culturais, ao longo da minha vida, fui me envolvendo com movimentos políticos, fato que contribuiu para uma formação politicamente engajada e para o estabelecimento de vínculos com pessoas mais maduras. Saí de casa aos 18 anos para morar com meu primeiro namorado, fui conhecer outras coisas da vida, crescer como pessoa, sabe? Estava muito perdida, queria sair de casa para estudar, mas, infelizmente, não havia sido aprovada em nenhuma universidade naquele momento. Então, a possibilidade de sair do seio familiar se deu por outras vias. Sair de casa foi extremamente desafiador na época, mas, hoje, vejo o quão importante foi e o quanto aprendi a crescer, na marra.

No ano de 2017, fui contemplada com uma bolsa integral pelo PROUNI (Programa Universidade para Todos), que me possibilitou fazer um curso que almejava muito, o Tecnólogo em Fotografia, na UNOESTE (Universidade do Oeste Paulista), em Presidente Prudente, município localizado a aproximadamente 162 km de Birigui.



Foto 1: Atividade de saída fotográfica na matéria de Fotojornalismo, 2017.

Fonte: arquivo pessoal

Lá intensifiquei meu envolvimento com os movimentos de rua, passei a participar do grupo Maracanóis¹ de maracatu², manifestação cultural afro-brasileira tradicional do nordeste. Abaixo, apresento um registro de uma apresentação realizada pelo grupo durante o Encontro Diocesano das CEBs, ocorrido no Colégio Criarte, em Presidente Prudente, no ano de 2018.



Foto 2: Apresentação do Grupo Percussivo Maracanois.

¹ Bloco Percussivo Maracanóis - Presidente Prudente-SP-BR, o bloco faz parte da Federação Prudentina de Teatro e Artes Integradas e Ponto de Cultura Prudente em Cena.

² Maracatu é uma manifestação cultural afro-brasileira que combina música, dança e tradição. Surgiu em Pernambuco e tem raízes nas coroações de reis e rainhas negras, misturando ritmos fortes de tambores com cortejos, figurinos coloridos e símbolos religiosos. É uma expressão de resistência, ancestralidade e identidade negra no Brasil.

Fonte: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100064100375232>

Além de me aproximar do coletivo cultural Galpão da Lua³, voltado à formação artística, também me aproximei de estudantes da UNESP (Universidade Estadual Paulista), onde passei a integrar o Coletivo Mãos Negras⁴, espaço de acolhimento, fortalecimento e valorização da negritude. Participei também do Coletivo Som na Linha⁵, atuando como fotógrafa e voluntária. O grupo promovia a circulação da música autoral regional, buscando ocupar espaços públicos da cidade por meio de apresentações e ações culturais.



Foto 3: Formação Coletivo Mãos Negras, 2017

Fonte: <https://www.facebook.com/coletivomaosnegras/photos>

Embora já conhecesse e frequentasse o circuito de batalhas de rima em Birigui e região, passei a acompanhar, como espectadora, a Batalha do Vale⁶, em

³ O Galpão da Lua, Federação Prudentina de Teatro e Artes Integradas, fundada em 2001, é uma entidade cultural sem fins lucrativos, que fomenta a produção e formação artística dos seus associados, e, desde 2010, é agente Pontão de Cultura, realizando ações e projetos culturais no município de Presidente Prudente e na sua região.

⁴ Coletivo Mãos Negras, um espaço onde pessoas negras se reuniam para estudar e discutir assuntos relacionados à negritude

⁵ O "Coletivo Som Na Linha" é um coletivo cultural em Presidente Prudente que articula e valoriza a cena da música autoral local, por meio de shows gratuitos em espaços públicos, principalmente no Parque do Povo. O projeto, iniciado em 2018, organiza o festival Diversonoridade, onde reúne diversos artistas e profissionais da cultura regional.

⁶ Batalha do Vale criada em 2015 na cidade de Presidente Prudente é um coletivo cultural e educacional que promove atividades para jovens, utilizando a cultura hip hop como ferramenta de transformação social. O mesmo coletivo organiza batalha de rimas na praça do Vale localizada no Parque do Povo, onde a juventude prudentina do hip hop se reúnem para competir através do

Presidente Prudente. Meu interesse era integrar-me àquele contexto e aprofundar, na prática, meu olhar para a fotografia documental de rua. Nesse espaço, além de atuar como fotógrafa, também participava como espectadora, pois considero fundamental observar atentamente os contextos nos quais se pretende atuar. No meu caso, essa observação acontecia por meio dos registros fotográficos e da convivência com as pessoas presentes. A participação nas batalhas proporcionou experiências fundamentais para minha formação artística, cultural e para minha atuação junto aos movimentos de cultura urbana.

As batalhas de rima são disputas de improvisação verbal nas quais duas ou mais pessoas se enfrentam criando versos de forma espontânea, geralmente acompanhados por uma base musical (beat). Elas podem ter caráter competitivo ou cultural, com versos que falam sobre si mesmos, abordando temas sociais, e tendo como objetivo provocar o adversário para criar o embate. O objetivo da batalha de rima é mostrar criatividade, agilidade mental e domínio da palavra para conquistar o público e os jurados, sendo muito comum no movimento hip hop e se diferenciando das batalhas de poesia falada, o que basicamente diferencia um do outro é que na batalha de rima tem o uso do beat acompanhado da rima e do improviso, e o slam não se pode ter o uso do beat, já que é uma das regras principais de participação. foco deste trabalho.

Também é importante abrir aqui uma brecha para falar e trazer um pouco da diferença de slam e sarau, já que em algumas vivências ambos podem parecer a mesma coisa, ainda que sejam manifestações culturais que promovem a expressão artística por meio da palavra, ambos possuem características distintas. O sarau tem como intuito promover um encontro voltado ao compartilhamento de diferentes linguagens artísticas, como poesia, música, teatro e outras manifestações culturais, em um ambiente colaborativo e não competitivo.

Já o slam é uma competição de poesia falada, em que es/as/os slammers apresentam textos autorais, sem o uso de figurinos, adereços ou acompanhamento musical, sendo avaliados por um júri popular formado por pessoas da plateia. Mais do que uma disputa, o slam constitui um espaço de ocupação do espaço público, fortalecimento de vozes historicamente marginalizadas e incentivo à oralidade.

improviso, e criatividade e agilidade sobre temas diversos mas sobretudo questões sociais de reivindicações e protestos.



Foto 4: Batalha do Vale, 2017. Fonte: Jhey Rodrigues

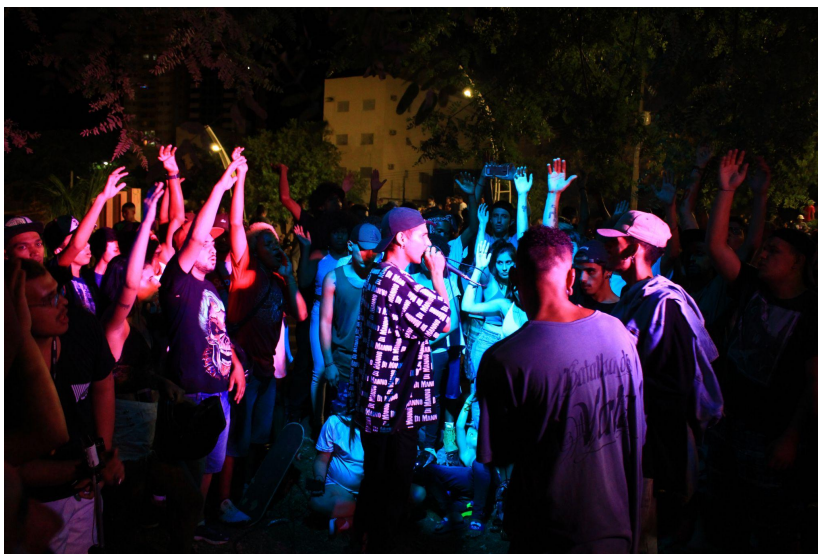


Foto 5: Segunda Feira do Empreendedor de Rua, 2017. Fonte: Jhey Rodrigues

Na medida em que frequentava mais a Batalha do Vale, sentia um certo incômodo por ser um lugar onde a presença masculina cisheteronormativa forma maioria, tanto na organização quanto entre aqueles que efetivamente participavam das batalhas. Quando mulheres, pessoas trans e travestis se faziam presentes, estavam apenas no público. Quando elas conseguiam ocupar o espaço da batalha, o faziam como forma de protesto, reivindicando pluralidade, o que às vezes era ridicularizado por parte de alguns participantes homens. Essa experiência também

me levou a refletir sobre as contradições presentes em alguns espaços do movimento hip hop. Embora historicamente constituído como uma importante forma de resistência e expressão das periferias, muitas de suas práticas ainda reproduzem dinâmicas marcadas pelo machismo e pelo patriarcado, dificultando a participação de mulheres e dissidências de gênero. A partir desse e de outros desafios dentro do movimento hip-hop, eu e minha amiga, Isabella Balliero, vimos a necessidade de criar um espaço próprio para que as mulheres em suas diversidades pudessem se encontrar. Chamamos de Santo Útero o movimento no qual realizamos batalhas de rimas entre “manas, monas y minas”, compartilhando também filmes, grafites, poesia e outras atividades culturais que buscavam promover o protagonismo feminino. As atividades também estavam articuladas ao objetivo de revitalizar uma praça da cidade que, naquele período, encontrava-se em situação de abandono. Minha participação no Santo Útero foi interrompida quando ingressei na UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana), em Foz do Iguaçu, Paraná.



Foto 6: Primeira Edição Coletivo Santo Útero, 2019.

Fonte: @coletivosantoutero



Foto 7: Roda de conversa Coletivo Santo Útero, 2019.

Fonte: @coletivosantoutero

Cheguei a Foz do Iguaçu em 2019 e fui muito bem recebida pela cidade e pela comunidade universitária. Nesse mesmo ano, ingressei no curso de Ciência Política e Sociologia, embora meu desejo inicial fosse cursar Cinema. Inspirada pela experiência do Santo Útero, organizei, ainda no primeiro semestre, uma batalha de "minas, monas y manas". A primeira edição foi realizada durante a Feira Agroecológica e Cultural da UNILA, espaço que considerei uma oportunidade importante para apresentar a proposta e divulgá-la entre as pessoas que circulavam pelo evento, majoritariamente integrantes da comunidade universitária. A divulgação ocorreu principalmente por meio dos grupos da UNILA no Facebook. Em um primeiro momento, senti-me frustrada com a baixa adesão do público. Ainda assim, acreditava no potencial da proposta e desejava insistir em sua realização.



Foto 8: Recém chegada na UNILA em Foz do Iguaçu, 2019. Fonte: arquivo pessoal

Nesse período, em 2019, recebi um convite para integrar um coletivo que estava sendo formado com o objetivo de criar uma batalha de poesia falada. Inicialmente, éramos em quatro minas pretas da Unila: eu, Amanda Coutinho (mestranda de Integração Contemporânea da América Latina), Nayne Gutierrez (estudante de História Bacharelado) e Aislene Lopes (estudante de História Licenciatura). A proposta inicial consistia em criar uma batalha voltada exclusivamente para mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, oferecendo um espaço de expressão, acolhimento e protagonismo para grupos historicamente sub-representados nesse tipo de atividade. Foi desse desejo coletivo que nasceu o Slam de la Frontera.



Foto 9: Primeira edição do Slam de La Frontera, 2019. Fonte: Arquivo pessoal Slam de La Frontera



Foto10: Primeira edição do Slam de La Frontera, 2019. Fonte: Arquivo pessoal Slam de La Frontera



Foto 11: Roda de conversa sobre como construir um Slam, 2019. Fonte: Arquivo pessoal Slam de La Frontera

Este trabalho tem como objetivo registrar e refletir sobre a trajetória do Slam de la Frontera a partir de um memorial descritivo que articula memórias pessoais, registros fotográficos, documentos produzidos pelo coletivo e experiências vividas ao longo de sua construção. Mais do que reconstruir uma cronologia de acontecimentos, busco compreender como essa iniciativa cultural, desenvolvida em território de fronteira, constituiu-se como um espaço de encontro, escuta, pertencimento e formação coletiva. Ao assumir o memorial como metodologia, reconheço minha dupla condição de participante e pesquisadora, entendendo que as experiências narradas não são apenas fontes de informação, mas também parte

dos processos de aprendizagem e transformação que marcaram minha trajetória. Nesse sentido, o trabalho procura evidenciar como o Slam de la Frontera se tornou um espaço de circulação de narrativas, saberes e afetos, permitindo que diferentes pessoas encontrassem condições para expressar suas histórias, compartilhar suas experiências e serem escutadas. A partir dessa perspectiva, compreendo o Slam não apenas como uma manifestação artística vinculada à poesia falada, mas como uma prática de mediação cultural capaz de promover diálogos, fortalecer vínculos comunitários e ampliar a participação de sujeitos frequentemente invisibilizados nos espaços culturais hegemônicos. Ao documentar essa experiência, procuro também refletir sobre o potencial do Slam na construção de ambientes mais acolhedores e plurais, tensionando estruturas machistas, racistas e cisheteronormativas ainda presentes em diferentes manifestações culturais, inclusive no universo do hip hop. Por fim, este memorial constitui igualmente uma reflexão sobre minha própria formação como mediadora cultural. Ao revisitar os processos, desafios e aprendizagens envolvidos na construção do Slam de la Frontera, busco compreender de que maneira a escuta, o cuidado com o território e a construção coletiva podem atuar como princípios fundamentais para práticas culturais comprometidas com a transformação social. Assim, preservar a memória desse coletivo é também reconhecer sua contribuição para a constituição de modos mais democráticos, sensíveis e participativos de produzir cultura. Carrego comigo a certeza de que a vivência e o aprendizado com os processos coletivos aqui descritos não apenas fortalecem minha atuação presente, mas também alicerçam o caminho que seguirei, comprometida em fazer da arte e da palavra instrumentos de encontro, resistência e liberdade.

Também considero importante mencionar que a realização deste TCC aconteceu simultaneamente à gestação de minha filha, Nyara, em 2025. Nesse processo, vivenciei muitas incertezas em relação à conclusão da graduação e, em diversos momentos, pensei em desistir. A cada dificuldade que surgia, sentia-me distante da possibilidade de concluir uma trajetória de seis anos dentro da universidade. Ao final daquele ano, exausta e com a sensação de ter chegado tão perto sem conseguir concluir o percurso, decidi não entregar o trabalho e me permitir um tempo de respiro. Retomei a escrita no puerpério, quando minha filha tinha cinco meses de vida. Compartilho essa experiência porque, muitas vezes, nossas narrativas não encontram lugar nos modelos hegemônicos que ainda

estruturam a academia. Para mães e pessoas que exercem o cuidado, os desafios da permanência são constantes e, nem sempre, as instituições estão estruturadas para acolhê-los. Ainda assim, concluir este trabalho é também afirmar a importância de seguir existindo, resistindo e construindo conhecimento a partir de nossas próprias experiências e modos de vida.

2.SLAM DE LA FRONTERA

O Slam de la Frontera foi proposto em 2019 por Amanda Coutinho, que me convidou a integrar o coletivo pouco tempo após sua criação. Naquele período, Amanda era mestrande do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (ICAL/UNILA). Foi ela quem articulou as primeiras conversas e mobilizou as pessoas interessadas em construir um espaço voltado à partilha de experiências e narrativas de mulheres negras. Havia o desejo de criar um coletivo gerido por "minas pretas", capaz de acolher histórias e perspectivas frequentemente invisibilizadas em outros espaços culturais. Em seguida, Amanda entrou em contato com Aislene Lopes (Negafu) e Nayne Gutierrez, então estudantes de História, e posteriormente comigo, para apresentar a proposta do coletivo. Nossa primeira reunião aconteceu em uma manhã fria e ensolarada, no gramado do então Parque Tecnológico Itaipu (PTI). Na ocasião, tivemos a oportunidade de nos conhecer melhor e compartilhar nossas expectativas, interesses e motivações para construir um movimento de poesia falada em Foz do Iguaçu.

Em um primeiro momento, sabíamos pouco sobre o slam, sua história, suas regras e suas dinâmicas. Diante disso, percebemos a necessidade de aprofundar nossos conhecimentos sobre essa manifestação cultural. Por meio de pesquisas realizadas na internet e da aproximação com coletivos já existentes, buscamos construir uma formação inicial que nos permitisse compreender melhor seu funcionamento. Nesse processo, o Slam Pé Vermelho, de Maringá, e o Slam Contra Ataque, de Curitiba, constituíram importantes referências para nossa formação e para a organização das primeiras atividades do coletivo. Antes de abordar essas

experiências, considero importante apresentar brevemente a história do slam, seu contexto de surgimento, suas principais características e o processo por meio do qual essa prática chegou ao Brasil.

2.1 Breve História do Slam

Neste subcapítulo, apresento um breve panorama sobre a história do Slam e sua chegada ao Brasil. Para isso, trago referências de trabalhos acadêmicos que abordam o movimento e a formação de comunidades de Slam no mundo, como, por exemplo, Roberta Estrela D'Alva e Cynthia Agra de Brito Neves.

Segundo Estrela D'Alva: “Nos últimos trinta anos, os *poetry slams* têm se destacado como práticas inventivas e democráticas da poesia performática, trazendo impactos sociais, culturais, políticos e artísticos.” (2019, p. 1). O artigo “SLAM: Voz de Levante” (2019), escrito pela atriz e poeta brasileira Roberta Estrela D'alva, aborda a cena brasileira das comunidades de slam, e relata sua experiência e da poeta Luz Ribeiro, representante do Brasil na Copa do Mundo de Slam, realizada na França e registrada no documentário *SLAM: Voz de Levante*. Também recorro ao artigo “Um microfone na mão e uma ideia na cabeça” (2011) da mesma autora.

A autora informa (2011, p.120), que os *poetry slams* surgiram na década de 1980 nos Estados Unidos. Em 1986, o então poeta e operário civil Mark Kelly Smith, realizou o “show-cabaré-poético-vaudevilliano” com o então grupo Chicago Poetry Ensemble, chamado de Uptown Poetry Slam, considerado então o primeiro poetry slam. Segundo Estrela D'alva:

Smith, em colaboração com outros artistas, organizava noites de performances poéticas, numa tentativa de popularização da poesia falada em contraponto aos fechados e assépticos círculos acadêmicos. Foi nesse ambiente que o termo poetry slam foi cunhado, emprestando a terminologia “slam” dos torneios de beisebol e bridge, primeiramente para denominar as performances poéticas, e mais tarde as competições de poesia. (Estrela D'Alva, 2011, p. 120).

Ainda, podemos encontrar uma outra definição para se referir ao Slam. É o que cita a pesquisadora Cynthia Agra de Brito Neves, em seu artigo “Slams - Letramentos de reexistência ao/no mundo contemporâneo”:

A palavra *slam* é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma “batida” de porta ou janela, seja esse

movimento leve ou abrupto. Algo próximo do nosso "pá!" em língua portuguesa. (Neves, 2017, pg. 1)

O Slam foi criado por Smith como resposta à ideia elitista da poesia, democratizando o acesso a ela através de um jogo cênico com regras específicas: poemas próprios, de no máximo três minutos, sem acompanhamento musical, adereços e figurinos, e júri popular escolhido no público, que avalia a poesia e a performance com notas de 0,0 e 10,0.

O poetry slam é reconhecidamente um movimento social, cultural e artístico que tem sido utilizado como plataforma para criar espaços nos quais a manifestação da livre expressão poética, do livre pensamento e a coexistência em meio à diversidade são experienciados como práticas de cidadania. (Estrela D'Alva, 2019, p.3)

No Brasil, o movimento slam chegou em 2008 por meio de Roberta Estrela D'Alva, atriz e poeta, idealizadora do ZAP! Zona Autônoma da Palavra - primeiro slam brasileiro – co-fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, ambos localizados na cidade de São Paulo. Logo em seguida, em 2012, surgiu o Slam da Guilhermina, que permanece em atividade até os dias atuais e acontece em uma praça da Vila Guilhermina. O Slam Resistência, por sua vez, está em atividade desde 2014. No início, suas edições aconteciam na Praça Roosevelt, mas atualmente o coletivo atua de forma itinerante. Esses espaços deram origem a outros coletivos disseminando de forma rápida o poder da batalha de poesia falada, fortalecendo vozes marginalizadas para que fossem ouvidas, combatendo a invisibilidade e promovendo o pertencimento. Mais do que uma competição, o slam surge como uma estratégia de democratização da palavra poética, aproximando a poesia de espaços públicos e de pessoas que historicamente estiveram afastadas dos circuitos literários institucionais.

Segundo a exposição *Gira da Poesia – 15 anos de slam no Brasil*⁷, estima-se que há pelo menos 438 comunidades de slam no país. Esse levantamento é feito a partir das inscrições realizadas nos campeonatos estaduais de slam. Nessa classificatória, a pessoa vencedora representa seu estado no Slam

⁷ A exposição *Gira da Poesia – 15 anos de slam no Brasil* traz mais de 400 itens ao Instituto Tomie Ohtake, fornecendo ao público um olhar sobre a trajetória do *poetry slam* desde sua chegada no Brasil em 2008 até a atualidade, e destacando a produção, a circulação e a recepção do movimento no país. Com curadoria de Julio Ludemir, Luiza Romão e Roberta Estrela D'Alva. Fonte: [Gira da Poesia – 15 anos de slam no Brasil - Instituto Tomie Ohtake](#)

Brasil, que atualmente acontece na FLUP – Festa Literária das Periferias, no Rio de Janeiro.



Foto 12: Acervo Tomie Otake, Rio de Janeiro, 2024.

Fonte: institutotomieotake.org.br/exposicoes/gira-da-poesia-15-anos-de-slam-no-brasil/:

O slam deve promover um ambiente de respeito mútuo, diversidade e inclusão, assegurando que todas as vozes e expressões tenham espaço e sejam valorizadas. Nesse sentido, penso o slam como um espaço de e para a escuta. Segundo a pensadora portuguesa Grada Kilomba, para que exista pertencimento os sujeitos envolvidos precisam ser ouvidos:

O ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem ouve, ou seja, entre os sujeitos falantes e seus/suas ouvintes. Ouvir é, neste sentido, o ato de autorização para quem fala. Eu só posso falar, se a minha voz for ouvida. Mas ser ouvida vai para além desta dialética. Ser ouvida também significa pertencer. Sabemos que aqueles/as que pertencem são aqueles/as que são ouvidos/as. E aqueles/as que não são ouvidos/as são aqueles/as que não pertencem. (Kilomba, 2016, p. 3)

Partindo dessa reflexão de Kilomba e de algumas discussões em sala de aula na disciplina “A Escuta”, ministrada pela professora Angelene Lazzareti, compreendo que pertencer a um lugar ou a um grupo é mais do que estar presente; é reconhecer uma escuta que legitima a existência do outro. Estamos acostumados e inseridos, de certa maneira, em uma lógica de escuta hierarquizada, na qual quem sabe fala e quem não sabe escuta. O pertencimento, por sua vez, reposiciona a escuta como forma de legitimação do outro, constituindo-se a partir de um processo de validação individual e coletiva. Entendo, assim, que o movimento slam pode proporcionar esse sentido de pertencimento e de legitimação. Foi justamente a

busca por essa escuta e por esse sentimento de pertencimento que orientou a construção do Slam de la Frontera desde suas primeiras edições.

Nessa perspectiva, a compreensão do slam como espaço de pertencimento também dialoga com a reflexão de Cynthia Agra de Brito Neves (2017), que propõe pensar essas comunidades como práticas de letramento de reexistência. Para a autora, os slams ultrapassam a dimensão artística ou competitiva de poesia falada, constituindo-se como espaços de conhecimento, fortalecimento identitário e reivindicação do direito à palavra:

Nostálgica, crítica ou utópica, a poesia moderna trilhou vários caminhos de resistência: *poesia-metalinguagem*, *poesia-mito*, *poesia-biografia*, *poesia-sátira*, *poesia-utopia*. Isso posto, não há como não defender a poesia dentro e fora das escolas - eis a nossa utopia. (Neves, 2017, pg 6)

Ocupar ruas, praças, e outros espaços públicos, possibilita que essas comunidades ampliem a participação social, fazendo com que pessoas atuantes dentro do movimento slam, construam suas próprias narrativas sobre si e de seu território. Nesse sentido, o pertencimento discutido por Kilomba também se manifesta no slam por meio da escuta, da circulação da palavra e do conhecimento das experiências compartilhadas, fazendo da poesia uma prática de reexistência e transformação social (Neves, 2017).

Desde sua chegada ao Brasil, o slam tomou proporções em diferentes regiões do país passando a assumir características próprias de acordo com os contextos sociais, culturais e territoriais em que se desenvolveu. Embora mantenha regras comuns entre si, cada comunidade de slam foi construindo outras identidades a partir das demandas e vivências de seus participantes e territórios e aqui menciono algumas comunidades que se destacam por suas diferentes identidades e especificidades. Slam das Minas, criado em 2015 no Distrito Federal em Brasília, difundiu-se em diversas cidades brasileiras, surgiu com o objetivo de ampliar a participação de mulheres e combater as desigualdades de gênero presentes nas competições de poesia falada. Da mesma forma, o Slam Marginália criado em 2018 na cidade de São Paulo, foi organizado para promover o protagonismo de pessoas trans, travestis, não-binárias e outras identidades dissidentes, a fim de promover um espaço de pertencimento e acolhimento para tal

comunidade. Enquanto o Slam do Corpo, criado em 2014 em São Paulo, trouxe a importância de incorporar a Língua Brasileira de Sinais (Libras), reunindo poetas surdos, ouvintes e intérpretes em uma mesma disputa poética.

Além desses formatos, existem experiências que exploram outras possibilidades da linguagem poética, como o Menor Slam do Mundo, composto por poemas de até 10 segundos, o Slam Interescolar, desenvolvido em escolas com o intuito de incentivar a leitura, a escrita e a oralidade entre estudantes, dentre outras iniciativas que demonstram que o movimento slam permanece em constante transformação, dialogando com diferentes públicos e contextos socioculturais.

2.2 Influências do Slam de la Frontera

Durante o processo de formação do Slam de la Frontera, o Coletivo Pé Vermelho foi uma importante referência, oferecendo exemplos de organização coletiva e de fortalecimento de comunidades de poesia falada no contexto paranaense. O Coletivo Pé Vermelho⁸ foi formado em 2019, na cidade de Maringá (PR), pelas integrantes Ana Favorin, Érica Paiva Rosa, Gabriel Brunini e Pedro Marques, que atuam como produtoras culturais, professoras de literatura e poetas. Suas iniciativas, como o Slam Pé Vermelho, o Slam das Minas, o Sarau Marginal e o Festival Pé Vermelho de Poesia (2023), entre outros projetos desenvolvidos pelo coletivo, destacam-se pela valorização da poesia falada como expressão comunitária e pela criação de espaços inclusivos.

⁸ Link de acesso do portfólio do Coletivo Pé Vermelho, documento de referência para as informações aqui descritas: [Coletivo Pé Vermelho - Presentación](#)



Foto 13: Coletivo Slam Pé Vermelho, 2025.

Fonte: @slampevermelho

O Slam Pé Vermelho é realizado uma vez por mês, aos domingos, na Praça Deputado Renato Celidônio, conhecida como Praça da Prefeitura. Cada edição segue a dinâmica típica de Slam: poemas autorais de até três minutos, performance vocal e corporal, sem adereços, com julgamento do júri popular. A poeta vencedora recebe como premiação um livro literário, e as edições contam também com o microfone aberto⁹ nos intervalos.

Segundo reportagem do jornal “*O Maringá, o jornal a serviço de Maringá e região*”¹⁰ publicada em 2022, o coletivo lançou a coletânea “Poesia é o Conselho”, reunindo 22 poemas de 11 participantes e 500 exemplares distribuídos gratuitamente, dentre 3 lançamentos e tendo como produto um audiobook no spotify. O coletivo também organizou o Festival Pé Vermelho de Poesia (2023), que incluiu residência poética, produção de zines, pocket shows, performances e

⁹ O microfone aberto, geralmente acontece nos intervalos das batalhas, é um espaço onde as pessoas presentes podem trazer diversas expressões artísticas, desde que seja combinada com a organização do evento, e seja remanejada no momento afim de ser dinâmico e representativo.

¹⁰ Link de acesso do [O Maringá | O Jornal com Notícias de Maringá e Região](#)

oficinas criativas — impulsionado pelo Prêmio Aniceto Matti¹¹, iniciativa que buscou divulgar a produção poética local e fortalecer a cena literária de Maringá.

Em 2025, deram continuidade ao trabalho com oficinas de escrita criativa (como “Literatura e Identidade”, “Marginalizando a teoria”) e edições do slam com premiação em livros, reforçando o compromisso formativo junto à comunidade.

Já o Slam Contrataque, fundado em 2017, é a primeira batalha de poesia falada da cidade de Curitiba (PR). O coletivo surgiu com o objetivo de promover a poesia marginal e periférica¹² como forma de resistência cultural e política, criando um espaço público de escuta, expressão e visibilidade para poetas locais.



Foto 14: Slam Contrataque na praça Cavalo Babão em Curitiba, 2020.

Fonte: @slamcontrataque

¹¹ O prêmio Aniceto Matti é uma iniciativa da prefeitura de Maringá para fomentar e valorizar projetos culturais na cidade. O edital do prêmio é considerado o maior do setor cultural no município e oferece apoio financeiro a diversos projetos culturais em diferentes categorias. Em 2022, por exemplo, 46 projetos foram contemplados, de acordo com a prefeitura de Maringá. O prêmio utiliza recursos da Lei Municipal de Maringá nº 11200/2020, que incentiva a cultura.

¹² Poesia Marginal é como ficou conhecida a poesia de caráter independente produzida no Brasil durante os anos 1970. Seus autores não dependeram de editoras para publicar suas obras. Por usarem mimeógrafo para tirar cópias das poesias, com o intuito de as distribuir ou vender nas ruas, esses poetas passaram a ser conhecidos como a geração mimeógrafo. A liberdade formal e a ironia são características marcantes da poesia marginal. Seus autores trataram de temáticas do cotidiano, além de terem usado linguagem coloquial e antiacadêmica. Waly Salomão, Cacaso, Chacal, Torquato Neto, Ana Cristina Cesar e Paulo Leminski foram famosos poetas desse movimento literário. (link de acesso: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/poesia-marginal.htm>)

As edições ocorrem mensalmente, geralmente no último sábado de cada mês, na Praça do Cavalo Babão, localizada no Largo da Ordem. O evento segue o formato tradicional do slam: poetas apresentam textos autorais de até três minutos, sem adereços ou acompanhamento musical, utilizando apenas a voz e a expressão corporal. A avaliação é realizada pelo público presente ou por meio de sistema de pontuação ao vivo. Além disso, o evento conta com um momento de microfone aberto, no qual outras expressões artísticas podem ser apresentadas, como música, teatro e performances, com inscrições realizadas no próprio local.

Desde sua fundação, o coletivo tem fortalecido a cena da poesia local em Curitiba, representando a cidade em competições literárias regionais e ampliando o alcance da cultura slam no estado. O Contrataque tornou-se referência como espaço de formação de novos poetas e fomentador do circuito competitivo e colaborativo de poesia falada.

Ambos os coletivos mencionados integram os circuitos estadual e nacional de slam, funcionando como etapas classificatórias para o Slam Paraná e, consequentemente, para o Slam Brasil. Segundo o mapeamento realizado pelo Slam Paraná, em 2025, existem atualmente 15 comunidades ativas distribuídas em diferentes cidades do estado. Em Curitiba, destacam-se o Slam Contrataque, Slam Inclusão, Slam Cultura CIC, Slam Zumbi e Dandara, Slam do MUMA, Poetizando nas Favelas e Slam das Guriás. Este último possui um recorte de gênero, no qual apenas mulheres participam como poetas e juradas. Essas comunidades atuam tanto na região central quanto nas periferias da cidade. As demais comunidades estão localizadas em outras cidades do Paraná, como o Slam Blackout, em Londrina; Slam Tinguicuera, em Araucária; Slam Pé Vermelho, em Maringá; Slam de la Frontera, em Foz do Iguaçu; Slam da Praça, em Jacarezinho; Slam Ressoa, em Guaratuba; e Slam Cascavel, em Cascavel.

O Slam Pé Vermelho e o Slam Contrataque foram referências importantes para a construção do Slam de la Frontera. Além disso, o contato com o Slam Paraná, em 2022, ampliou as possibilidades de troca, abrindo caminho para o diálogo com outras comunidades que contribuíram para minha formação e para o fortalecimento do coletivo. Essa experiência me permitiu compreender, ainda mais, que cada slam possui características próprias, construídas a partir das necessidades, dos contextos e das realidades de seu território.

2.3 Desenvolvimento do Slam de la Frontera

Além das referências citadas, o Hip-Hop sempre esteve presente na minha vida, desde o rap que decorava para cantar na escola até a dança e o grafite. Com o tempo, fui me aproximando ainda mais desse universo por meio de vídeos na internet sobre batalhas de rima e, posteriormente, batalhas de poesia falada. Já conhecia algumas poesias por meio do programa “Manos e Minas”¹³, no qual, em alguns episódios, participantes recitavam textos autorais ou de outros autores. Também acompanhava canais que utilizava como referência, como o Slam Resistência¹⁴, Slam da Guilhermina¹⁵, Grito Filmes¹⁶ entre outros, especialmente do estado de São Paulo. Eu me sentia, de certa maneira, representada pelas poesias apresentadas pelos slammers e, aos poucos, fui compreendendo melhor como funcionava o slam. Esses materiais colaboraram para nossa formação e nos auxiliaram a entender como queríamos conduzir o Slam de la Frontera e o que almejávamos para o futuro do coletivo.

A princípio, nossa ideia era construir um espaço feito por e para mulheres negras, indígenas e pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, com o objetivo de fortalecer nossas identidades por meio da escrita, da performance e das corporalidades dissidentes, ocupando os espaços públicos de Foz do Iguaçu.

¹³ Manos e Minas é uma produção da TV Cultura criada em 2008 para acompanhar a produção da música urbana em suas várias vertentes (rap, funk, soul, reggae, samba). O programa também mostra iniciativas e realizações da cultura de rua e do hip-hop em seus diversos segmentos. link de acesso: <https://tvbrasil.ebc.com.br/manoseminas>

¹⁴ Em 2024 completamos 10 anos e durante 09 anos realizamos o SLAM RESISTÊNCIA na Praça Roosevelt, um dos principais pontos de encontro de São Paulo, desde 06/10/2014. O SLAM RESISTÊNCIA foi idealizado pelo artista multicultural Del Chaves @hauxdelchaves, motivado pelas manifestações de 2013. Del Chaves criou o Slam e o nome faz alusão ao movimento de advogados na época, um movimento criado por ativistas – realizaram um evento semanal chamado a Quinta da Resistência coordenado por @danielbiral. O grito “Sabotage sem Massage na Mensage” também criado por Del onde ele desejou homenagear o artista Sabotage. Assim, deu-se início as competições. Atualmente estamos itinerante. (link de acesso: <https://slamdigital.com.br/slam/slam-resistencia>)

¹⁵ O Slam da Guilhermina é um campeonato de poesias faladas – o 2º Poetry Slam do Brasil – evento que reúne mensalmente mais de trezentas pessoas em uma praça – arena – a céu aberto na Vila Guilhermina – Zona Leste Paulistana, desde fevereiro de 2012. Organizamos também o Slam de Poesias Interescolar de São Paulo. O Coletivo Slam da Guilhermina é formado por Emerson Alcalde (Vice-Campeão do Mundo de Poesias disputado na França em 2014), Uilian Chapéu, Cristina Assunção e Rodrigo Motta. (link de acesso: <https://slamdigital.com.br/slam/slam-da-guilhermina>)

¹⁶ O **Grito Filmes** é uma produtora cultural independente criada em São Paulo, voltada para a produção de **audiovisual periférico**, com foco em temas como juventude, poesia, identidade e território. Atua principalmente em parceria com movimentos culturais como o **Slam da Guilhermina**, produzindo vídeos, documentários e registros de batalhas de poesia e outras ações culturais nas periferias. (link de acesso: <https://www.youtube.com/c/gritofilmes>)

Nossa intenção era, ao mesmo tempo, criar um espaço de acolhimento e de transformação, especialmente diante do incômodo de não nos vermos como protagonistas nas batalhas de rima existentes na cidade, marcadas por uma presença majoritariamente masculina e, muitas vezes, excludente. Conforme comentado anteriormente, ainda que o hip hop seja um movimento de resistência e valorização das periferias, é importante reconhecer que, em muitos contextos, algumas de suas práticas reproduzem estruturas machistas e cisheteronormativas. Por isso, o Slam de la Frontera nasceu como uma tentativa de reconfigurar essas dinâmicas, propondo um espaço em que o cuidado, a escuta e a diversidade fossem princípios centrais.

Em relação aos movimentos locais, conheci o panorama das batalhas de rima em Foz do Iguaçu por meio de Amanda, frequentadora da antiga Batalha do Mitre, que posteriormente se tornou Batalha da Praça da Paz e, por fim, Batalha da Marinha. Esse movimento acontecia na região central da cidade, mas foi migrando de local em função da repressão policial, do preconceito e da perseguição por parte de pessoas que não conheciam o movimento e viam esse espaço apenas como um lugar de encontro para ouvir músicas que “não prestam” e usar drogas. Essas batalhas, infelizmente, não estão ativas no presente momento. A Batalha da Pista é uma das mais antigas de Foz do Iguaçu. Organizada pelo Coletivo Banca 16 e conduzida por DJ Smoke e Stênio MC, ocorre semanalmente desde 2016 na pista pública de skate localizada junto ao Ginásio Costa Cavalcanti. Também conheci esse movimento por intermédio de Amanda, que o frequentava sempre que possível como uma forma de refúgio após o trabalho. Passei a frequentar a batalha em meados de 2022, quando fui conhecendo mais pessoas da cidade e ampliando minha rede de contatos. Sempre que possível, também solicitava espaço para divulgar o Slam de la Frontera e suas atividades.

Participando desse contexto, o Slam de la Frontera passou a se reunir mensalmente como uma forma de resistência. Nesses encontros, compartilhávamos livros, fanzines, comidas, bebidas, exposições de arte, exibições de filmes, rodas de conversa temáticas, dentre outras atividades. O trabalho de produção era exaustivo, mas os encontros aqueciam o coração e nos estimulavam a seguir em movimento com as pessoas que acreditavam no Slam de la Frontera, reconhecendo-o como um espaço de acolhimento e um refúgio, onde podiam se sentir pertencentes.

Em 2020, por conta da pandemia de Covid-19, foi necessário pausar nossas atividades. Não sabíamos quanto tempo aquela situação iria durar. Tínhamos vontade de voltar para as ruas e continuar o que havíamos começado, mas, infelizmente, esse momento não chegou tão rápido quanto esperávamos. Não sabíamos se reinventaríamos as formas de fazer o Slam de la Frontera ou se esperaríamos até o fim da pandemia para retomar as atividades presenciais. No meio desse processo de incertezas, Aislene e Nayne decidiram voltar para suas cidades para ficar com suas famílias. Em Foz do Iguaçu permanecemos apenas eu e Amanda, que na época morávamos juntas. Nesse período, surgiram diversos editais de fomento à cultura, auxílios para artistas e outras iniciativas voltadas ao apoio a coletivos culturais. Acompanhei algumas experiências de slam que migraram para o formato on-line, mas para nós essa não foi uma realidade, já que antes era necessário entender o que era um slam e apresentar a linguagem para o nosso público. Ou seja, naquele momento, migrar para o online era um trabalho para o qual não estávamos preparadas. Ainda assim, foi interessante observar como os coletivos encontraram alternativas para manter suas atividades. Nesse momento, consegui assistir ao Slam Paraná e ao Slam BR no conforto da minha casa.

Em 2020 e 2021 não foram realizadas atividades no Slam de la Frontera, mas a vontade de retomar o coletivo permanecia. Depois de muito refletir, decidi que voltaríamos assim que as reuniões presenciais fossem novamente permitidas. Nesse período, percebi o quanto o Slam de la Frontera era importante para a região norte de Foz do Iguaçu, pois muitas pessoas perguntavam se o slam iria retornar e quando isso aconteceria. Essas perguntas me emocionavam e, ao mesmo tempo, me faziam sentir o peso da responsabilidade de seguir sem três integrantes da formação original. Ainda assim, resolvi encarar o desafio e dar continuidade ao trabalho que havíamos iniciado.

No início de 2022, saí de bicicleta em busca de um novo espaço para retomar as atividades do Slam de la Frontera. Foi assim que conheci, quase por acaso, a Biblioteca Comunitária CNI (Cidade Nova Informa). Quem primeiro me recebeu foi Miguel, um menino que tinha cerca de oito anos na época e que se empolgou com a possibilidade de realizarmos o slam ali, já que sua avó morava em frente ao local. Depois de algumas buscas, consegui o contato de Dona Elza, a responsável pelo espaço, por meio de um grupo da UNILA no Facebook. Conversamos sobre o movimento, sua proposta e atividades e, naquele mesmo encontro, já definimos a

realização da primeira edição pós-pandemia. Em contrapartida ao uso do espaço, fui convidada a atuar como voluntária no CNI, atividade que sigo desempenhando desde então.

Quando decidimos atuar de forma permanente no CNI, foi necessário apresentar a proposta do Slam de la Frontera à equipe responsável pelo espaço. Participamos de uma reunião na qual conheci melhor dona Elza Mendes, Marcelo Botura Sousa, sr. José Batista de Souza Filho, dona Lidionete Botura, Pedro Aparecido Souza e Gilberto Valadão. Fui muito bem acolhida por todas essas pessoas, que apoiaram a integração do slam às atividades culturais da biblioteca e se mostraram abertas à construção conjunta de ideias e projetos. Já naquele primeiro encontro senti que estava no caminho certo e que o CNI poderia se tornar a nova morada do Slam de la Frontera. Ali encontrei um terreno fértil para crescer, aprender e construir coletivamente com pessoas que, desde 2011, mantêm viva a biblioteca de forma autônoma, comunitária e comprometida com o fortalecimento da cena cultural local. Em todas as edições, procurava reforçar a importância de manter o espaço organizado e cuidar coletivamente da biblioteca, preservando um vínculo de confiança que possibilitasse novas parcerias e projetos. Sou eternamente grata ao CNI pelo acolhimento e por acreditar no nosso trabalho.

2.4 Principais edições do Slam de La Frontera



Foto 15: Primeira edição do Slam De la Frontera, 2019: Fonte: arquivo pessoal

Esta fotografia registra o encontro que deu origem ao Slam de la Frontera, realizado em 19 de maio de 2019, no bairro Vila C Velha, ao lado do mercado

amarelo. Aquele momento representou o início da construção coletiva de nosso projeto cultural, que buscava fortalecer a poesia falada e ampliar o acesso à literatura em espaços públicos da cidade de Foz do Iguaçu. Reunimo-nos para conhecer melhor a história do movimento Slam, compartilhar referências e discutir quais seriam nossos objetivos. Entre as principais motivações, sempre esteve presente o desejo de ocupar praças e outros espaços públicos com a literatura, a poesia marginal e a expressão artística, para assim conhecer outras comunidades e promover encontros entre diferentes pessoas e experiências. As ideias eram construídas coletivamente, a partir da escuta e da participação de todos os presentes. Muitas das participantes desse encontro contribuíram posteriormente para a realização das primeiras edições oficiais, ajudando a fortalecer o projeto e a a cena da poesia falada em Foz do Iguaçu.

Revisitando essa fotografia, reconheço a importância desse momento de fundação, pois foi nesse encontro que começamos a transformar uma ideia compartilhada em ação concreta, articulando arte, ocupação do espaço público e construção comunitária. A imagem preserva a memória do início de uma trajetória que, ao longo dos anos, mobilizou artistas, estudantes, moradores da cidade e pessoas interessadas em construir espaços de expressão, diálogo e pertencimento por meio da poesia.



Foto 16: Segunda edição do Slam De la Frontera, 2019: Fonte: arquivo pessoal

Esta fotografia registra a nossa segunda edição, que foi realizada em junho de 2019. Após o primeiro encontro de organização do coletivo, essa edição

representou um importante passo para a consolidação do projeto, reunindo um público mais diverso e ampliando as atividades que havíamos proposto. A programação foi construída de forma colaborativa e contou com a participação de diferentes artistas, pesquisadoras e iniciativas culturais.

Dentre as atividades realizadas, iniciamos o encontro com uma roda de conversa sobre as plantas medicinais utilizadas pelas mulheres Mbyá-Guarani, conduzida por Patrícia Garado, então estudante de Filosofia da UNILA. A atividade possibilitou o contato com saberes ancestrais, práticas de cuidado e formas de uso dessas plantas, contribuindo para a valorização dos conhecimentos tradicionais. Logo em seguida, tivemos uma oficina de poesia ministrada pela poeta Sueli Crespa, então estudante de Mediação Cultural na Unila, proporcionando um espaço de experimentação artística e aproximação com a escrita poética. Também houve uma apresentação musical com Cici Andrade, estudante de Antropologia na UNILA na época, contribuindo para a diversidade de linguagens artísticas presentes no encontro. A edição contou ainda com a participação do projeto “As Minas na História”, coordenado por Bia Varanis, então estudante do curso de História da América Latina, que compartilhou materiais produzidos de forma independente, como fanzines, adesivos e camisetas, fortalecendo a circulação de produções autônomas.



Foto 17: Terceira edição do Slam De la Frontera, 2019: Fonte: arquivo pessoal

Esta fotografia registra a terceira edição do Slam de la Frontera, realizada em julho de 2019. Foi o primeiro encontro realizado no espaço ao lado do Mercado JD, local que posteriormente se tornaria uma importante referência para as atividades do coletivo. A mudança ocorreu após as dificuldades encontradas na edição anterior, especialmente em relação ao acesso à energia elétrica. Essa experiência evidenciou alguns dos desafios enfrentados por iniciativas culturais independentes na ocupação dos espaços públicos, exigindo da organização constantes adaptações e estratégias de permanência para garantir a continuidade do projeto e o acesso da comunidade às atividades culturais.

Por ter acontecido no mês de julho, período de encerramento do semestre acadêmico e o início das férias, a edição contou com um público menor em comparação aos encontros anteriores. Além disso, as baixas temperaturas daquele dia também limitaram a participação das pessoas. Apesar disso, o encontro manteve seu caráter acolhedor e comunitário, reunindo participantes interessados em compartilhar poesias, experiências e reflexões.

Ao revisitar essa edição, recordo que, mesmo diante das dificuldades logísticas e do número reduzido de participantes, o encontro foi significativo por reafirmar nosso compromisso com a continuidade do projeto. A permanência dessas atividades, ainda que em condições simples e com poucos recursos, seguia a persistência de construir espaços de expressão artística e compartilhamento de experiências por meio da poesia.



Foto 18: Edição especial Mês da Visibilidade Lésbica, 2019. Fonte arquivo pessoal.

A programação da quarta edição, que aconteceu em agosto, também foi construída de forma colaborativa, reunindo diferentes expressões artísticas e iniciativas desenvolvidas por pessoas próximas ao coletivo. Entre as convidadas, estava Thaís Soares, mulher lésbica, negra e estudante do curso de Mediação Cultural na época, que realizou uma exposição de desenhos e pinturas. Suas obras contribuíram para a composição estética do espaço e ampliaram as possibilidades de diálogo entre a poesia falada e as artes visuais.

Aislene Lopes costumava levar diferentes materiais para compor o cenário e deixá-los à disposição para interação do público, e nessa edição não foi diferente. Ela levou livros de autores e autoras negras, além de camisetas relacionadas a movimentos sociais, que foram organizadas em um varal expositivo. A atividade também contou com iniciativas de geração de renda promovidas por participantes da comunidade. Isabela Israel levou algumas palhas italianas para venda, enquanto eu contribuí com paçocas e amendoins caseiros. A ideia era fortalecer e apoiar quem estava presente no movimento, incentivando formas de colaboração e circulação de recursos dentro da própria comunidade.

Além dessas ações, essa edição também foi marcada por uma ação coletiva de revitalização do espaço onde o Slam de la Frontera acontecia. Como forma de cuidar da praça localizada ao lado do Mercado JD, o coletivo organizou um mutirão de limpeza e manutenção, levando rastelos, sacos de lixo, pás, luvas e outros materiais para recolher resíduos e melhorar as condições do local. Também confeccionamos lixeiras personalizadas com a marca do Slam de la Frontera, pintadas artesanalmente com stencil e spray, além de bituqueiras produzidas com tubos de PVC, buscando incentivar o descarte adequado de resíduos e contribuir para a preservação do espaço público.

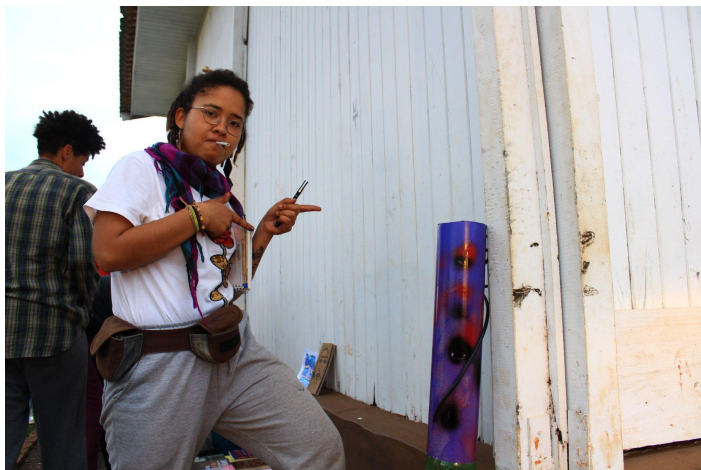


Foto 19: Bituqueira personalizada de cano PVC, 2019. Fonte arquivo pessoal.



Foto 20: Lixeira personalizada, 2019. Fonte arquivo pessoal.

Para a realização das atividades, foram utilizados caixotes emprestados pelo Mercado JD, que serviram como assentos para o público e ajudaram a compor a roda de conversa e poesia. A disposição dos participantes favoreceu a escuta e a troca de experiências, elementos importantes para o coletivo. Durante o encontro, diversas pessoas compartilharam poesias autorais e também textos de outros autores com os quais se identificavam.

Embora eu tenha participado ativamente da organização da edição, apareço em poucas fotografias. A maior parte dos registros fotográficos dos eventos do Slam de la Frontera foi realizada por mim e por Amanda. Ao revisitar essas imagens, recordo de pessoas que participaram daquela edição e que, até então, eu conhecia apenas por relatos e referências de outras pessoas. Hoje percebo que o Slam foi muito mais do que um evento cultural, tornou-se um espaço de encontro, onde

vínculos foram construídos e fortalecidos ao longo do tempo, aproximando pessoas que talvez nunca tivessem se cruzado de outra forma.

Uma das memórias mais marcantes desse dia foi a participação de Xayenne Prado Keller. Xay era uma pessoa muito conhecida na comunidade universitária, especialmente na UNILA, e possuía uma presença forte, alegre e acolhedora. Recordo-me de sua apresentação durante a roda de poesia, embora hoje eu não consiga lembrar exatamente qual texto foi recitado por ela. Ao escrever este memorial em 2026, revisitar essa lembrança também desperta saudade e reflexão, especialmente diante da ausência de Xayenne, que foi brutalmente assassinada em 2025, aos arredores da rodoviária de Foz do Iguaçu. Sua participação nessa edição representa, para mim, não apenas uma lembrança do evento, mas também a importância dos espaços culturais como locais de encontro, expressão e reconhecimento das diferentes trajetórias e pessoas que atravessam nossas vidas.

As reflexões que guardo dessa edição estão relacionadas, sobretudo, à possibilidade de escutar outras histórias, vivências e perspectivas. O Slam de la Frontera sempre foi, para mim, um espaço de encontro entre diferentes trajetórias, o que nos permite abrir diálogos mais amplos sobre identidade, pertencimento, afetos e experiências de vida.



Foto 21: Xayenne Prado Keller, 2019. Fonte arquivo pessoal.



Foto 22: Terceira edição, 2019. Fonte arquivo pessoal.

Nessa edição tivemos uma batalha de poesia com a participação de três pessoas: Aislene Lopes, Ari Correa (Mestiza) e Larissa Barbosa, que foi a vencedora da batalha levando para casa um desenho do Slam feito por Amanda e um caderno com uma arte feita por Aline Leticia Moraes.



Foto 23: Exibição do curta Cor de Pele, 2019. Fonte: arquivo pessoal

Esta fotografia registra a edição de outubro, na qual realizamos a exibição do curta *Cor de Pele*, dirigido por Larissa Barbosa, formada em Cinema e Audiovisual pela UNILA. A participação de Larissa e a exibição do curta integravam a intenção do coletivo em promover encontros entre diferentes linguagens artísticas, aproximando a poesia falada do cinema, das artes visuais e de outras formas de expressão cultural. A projeção aconteceu em espaço aberto, permitindo que as pessoas presentes compartilhassem a experiência de assistir ao filme juntas, refletindo as temáticas apresentadas na obra.

Embora tenha sido uma edição mais curta, esse encontro representou um momento importante no processo de consolidação do Slam de la Frontera. Nos primeiros meses de existência do coletivo, era comum que as programações reunissem diversas atividades simultaneamente, como oficinas, rodas de conversa, apresentações artísticas e exposições. Com o passar do tempo, fomos compreendendo a importância de estruturar melhor os encontros e fortalecer a batalha de poesia como eixo central dos encontros. Foi um momento de experimentação, mas também de amadurecimento, que contribuiu para definir os caminhos que o projeto seguiria nas edições posteriores.



Foto 24: Sexta edição, 2019. Fonte: arquivo pessoal

A sexta edição, foi realizada no final de outubro, foi marcada por uma roda de conversa na qual compartilhamos nossas experiências sobre a história da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Participaram estudantes que já estavam há mais tempo na instituição e que puderam relatar suas experiências sobre os primeiros anos da universidade, quando suas atividades ainda aconteciam na Unila Centro. Também partilhamos reflexões sobre os processos da moradia estudantil no bairro Porto Belo (moradia 1), debatendo organização coletiva e movimento estudantil. A roda se tornou um espaço de escuta e aprendizado coletivo, tornando-se um lugar de encontro entre diferentes trajetórias e narrativas.

Entre as pessoas presentes estavam Ana Luiza Passos, Ingrid Euclides, Bárbara Omi, Ari Correa (Mestiza), Juliana Flor e Alisson Medina, entre outras participantes que contribuíram para a construção do encontro. Ao final da batalha, Ari Correa, estudante de Mediação Cultural na época, artista por quem nutro admiração e carinho, foi quem levou a premiação daquela edição: um caderno artesanal confeccionado por Aline Letícia e um desenho do Slam de la Frontera, produzida por Amanda.

Nesse mesmo dia, eu e Amanda gravamos entrevistas em vídeo, realizadas por Ari Correa para uma atividade acadêmica de etnografia. Durante as entrevistas, tivemos a oportunidade de refletir sobre o surgimento do Slam de la Frontera, incluindo os desafios de construir um coletivo como esse em Foz do Iguaçu e seu vínculo com o movimento Slam no Brasil. Esses materiais permanecem guardados em nosso acervo pessoal e constituem hoje importantes registros da fase inicial do projeto.

Esta edição também ocupa um lugar especial em minha trajetória, porque foi uma das primeiras vezes em que atuei como mestre de cerimônias do Slam de la Frontera. Falar diante do público representou um importante processo de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, o que me auxiliou a trabalhar inseguranças, aprender a mediar atividades e construir, aos poucos, minha própria forma de ocupar aquele espaço.



Foto 25: Primeira edição pós pandemia, 2022. Fonte: arquivo pessoal.

A realização da primeira edição pós-pandemia só foi possível graças à construção da parceria com a Biblioteca Comunitária Cidade Nova Informa e com lideranças locais. Antes da atividade, apresentei a proposta para a Dona Elza, uma das representantes do CNI, que abriu a possibilidade de desenvolvermos nossas

ações naquele espaço. A receptividade foi fundamental para que a retomada do Slam de la Frontera acontecesse, e para que o projeto passasse a integrar as atividades desenvolvidas na biblioteca e na comunidade.

A programação foi realizada no período da tarde e contou com diferentes atividades voltadas à formação artística e ao fortalecimento dos vínculos entre os participantes. Nesta edição, uma das pessoas que contribuiu com os equipamentos de som foi Mano Zeu (Eliseu Pirocelli). Foi nesse momento que firmamos uma parceria e, desde então, Zeu passou a fortalecer o Slam de la Frontera sempre que possível, mantendo seu compromisso com o coletivo até os dias de hoje.

Dentre as ações, foi realizada uma oficina de breakdance ministrada por Fabinho (Fabio Castelli), uma das primeiras pessoas ligadas ao movimento hip-hop de Foz do Iguaçu, que conheci quando cheguei à cidade. A oficina proporcionou um momento de troca muito significativo, especialmente para as crianças presentes. Escrevendo este memorial, recordo com carinho da participação de Fabinho. Infelizmente, ele faleceu alguns anos depois, deixando saudades entre familiares, amigos e pessoas que compartilharam com ele os espaços da cultura hip-hop na cidade. Sua presença nessa edição permanece como uma lembrança importante do processo de retomada do coletivo.



Foto 26: Oficina de breakdance com Fabinho, 2022. Fonte: arquivo pessoal

Após a oficina de breakdance, ministrei uma oficina de escrita coletiva de poesia. A atividade foi organizada em pequenos grupos, nos quais cada participante era responsável por escrever um verso ou uma frase. A partir da união dessas contribuições, cada grupo construiu uma poesia coletiva. Os textos produzidos durante a oficina foram recitados por cada representante dos grupos. A proposta buscou estimular a criação compartilhada, demonstrando que a escrita poética pode ser um processo colaborativo e acessível, mesmo para quem não possui experiência prévia com a literatura.

Em seguida, aconteceu a batalha de poesia, que contou com a participação de seis poetas, número significativo para um primeiro encontro após o período de isolamento social. A premiação foi uma obra produzida por Sam Sara, estudante de Mediação Cultural na época, que contribuiu com um de seus desenhos para valorizar a participação das pessoas envolvidas.

Um aspecto que me marcou profundamente nessa edição foi a diversidade das formas de participação durante a batalha de poesia. Algumas pessoas chegaram com poemas já decorados, outras levaram seus cadernos com textos escritos previamente, enquanto, outras, utilizaram seus celulares para a leitura. A vencedora daquela edição foi Thainá Malta, que, naquele momento, também era estudante do curso de Mediação Cultural. Nesse momento, Thai passou a integrar a equipe do Slam de la Frontera, contribuindo ativamente para a construção e continuidade do projeto. Recordo que a motivação de Thainá para participar da batalha estava relacionada à premiação artística oferecida por Sam Sara, demonstrando como pequenos gestos de incentivo podem aproximar novas pessoas das atividades culturais.

Também contamos com a presença do coletivo “Rap Transformando Vidas”, vindo da região do Porto Meira, na época gerido por Wesley Araujo, fortalecendo o diálogo entre a poesia falada, rap e outros elementos do hip hop. As pessoas frequentadoras da biblioteca, mesmo sem permanecer o tempo todo, passaram pelo evento para conhecer o Slam - o que ajudou a desconstruir estereótipos associados aos movimentos de rua, mostrando à comunidade o caráter educativo e artístico do projeto. Ao final da atividade, realizamos uma batalha improvisada de rimas. Percebo que essa retomada representou o reencontro com a comunidade e a

construção de novas parcerias, reforçando nosso papel como espaço de formação, convivência e criação coletiva.



Foto 27: Participação da Trava da Fronteira. 2022. Fonte: arquivo pessoal.

A participação de Trava da Fronteira (Andrê Francisconi) foi um dos momentos que marcou a edição do mês de março. Eu conhecia seu trabalho por meio das batalhas realizadas em formato online durante o período da pandemia, especialmente através das atividades do Slam Paraná. Mas, encontrá-la presencialmente e testemunhar sua performance foi uma experiência diferente. Nascida e criada em Foz do Iguaçu, no bairro São Sebastião, Trava da Fronteira ocupou aquele espaço trazendo para o centro da roda discussões sobre as vivências sofridas por mulheres travestis e trans, abordando temas como discriminação, exclusão social e resistência. Suas poesias eram atravessadas por denúncia, indignação, força e sensibilidade, mobilizando diferentes emoções entre as pessoas presentes.

O que mais me marcou naquele momento foi observar as reações do público. Algumas pessoas demonstraram desconforto diante das questões levantadas em seus textos, enquanto outras se aproximaram para comentar sobre o impacto da apresentação e sobre a potência de sua escrita. A presença de Trava da Fronteira

também representava algo simbólico naquele contexto, sua participação trouxe outras perspectivas e experiências para o centro da cena, ampliando as discussões e fortalecendo a diversidade de vozes presentes no Slam de la Frontera.

Ao revisitar essa memória, percebo que aquela edição antecipava algo que se confirmaria nos anos seguintes, Trava da Fronteira se consolidava como uma importante representante da poesia slam paranaense, participando de competições em âmbito estadual e nacional, levando consigo não apenas sua trajetória individual, mas também a representatividade de pessoas trans e travestis dentro do movimento. Ter acompanhado uma de suas primeiras participações no Slam de la Frontera permanece como uma das experiências mais significativas da minha trajetória.



Foto 28: Edição de retorno do semestre. 2022. Fonte: arquivo pessoal

A edição apresentada na imagem acima aconteceu no período de retorno das atividades acadêmicas no mês abril de 2022, e foi marcada pela chegada de novas pessoas à universidade e à cidade de Foz do Iguaçu. Entre os participantes, havia tanto pessoas que já conheciam o Slam de la Frontera quanto estudantes que estavam entrando em contato com o projeto pela primeira vez. Diferentemente de outras edições, optamos por não realizar uma batalha de poesia. Em seu lugar, promovemos um giro de poesia, no qual cada pessoa que se sentisse confortável poderia utilizar o microfone para compartilhar textos autorais, leituras, reflexões ou

outras formas de expressão. A proposta buscava criar um ambiente mais acolhedor para quem ainda não conhecia a dinâmica do slam, permitindo que a participação acontecesse de maneira mais livre e menos competitiva.



Foto 29: Atividade no CAPS AD. 2022. Fonte: arquivo pessoal

A atividade da fotografia aconteceu no mês maio de 2022, a partir de um convite realizado por Daiane Mumbach, assistente social do CAPS AD de Foz do Iguaçu. Segundo ela, algumas pessoas que frequentavam o serviço já haviam ouvido falar do Slam de la Frontera e demonstrado interesse em conhecer melhor o trabalho desenvolvido pelo coletivo. A partir desse contato, organizamos uma visita para que eu e Thai pudéssemos conhecer o espaço e desenvolver uma atividade com poesia para os participantes.

A experiência me permitiu conhecer o CAPS AD e compreender o trabalho realizado pela equipe multiprofissional. Durante a visita, conhecemos algumas das atividades ofertadas aos usuários do serviço, entre elas oficinas de artesanato, serigrafia, fotografia, música, além dos atendimentos realizados por profissionais da psicologia, assistência social e outras áreas. Inicialmente, a proposta era realizar a atividade em um espaço interno. No entanto, o dia estava bastante frio e percebemos que permanecer dentro da sala poderia tornar o encontro menos

confortável para as pessoas presentes. Por essa razão, decidimos ocupar a quadra existente no local e realizar a roda de poesia ao ar livre. Um detalhe que permanece muito vivo em minha memória é que, justamente quando nos reunimos do lado de fora para iniciar a atividade, o sol apareceu, tornando o ambiente mais acolhedor e agradável.

A roda foi construída de forma livre e participativa. Não havia qualquer obrigação de recitar, algumas pessoas escolheram compartilhar poemas, reflexões e experiências pessoais, outras preferiram permanecer na escuta, acompanhando atentamente as falas e incentivando quem se apresentava por meio de aplausos e palavras de apoio. O mais importante naquele momento não era a performance, mas a possibilidade de encontro, expressão e convivência. Entre as pessoas que participaram da roda, algumas permanecem especialmente vivas em minha memória: Adna Ramer, Cristiano, Lucas e Yuri Gabriel. Destaco seus nomes porque foram pessoas que se dispuseram a ocupar o espaço de fala, compartilhando poesias, músicas e reflexões durante a atividade. Ao longo do encontro, percebemos que muitos deles já possuíam produções escritas, mas raramente encontravam oportunidades ou ambientes em que se sentissem à vontade para apresentá-las publicamente.

Após a atividade realizada no CAPS AD, eu e Thai fomos convidadas a participar das ações do Dia Nacional da Luta Antimanicomial, que aconteceram na Praça da Paz. Aproveitamos a oportunidade para apresentar ao público presente o trabalho desenvolvido pelo Slam de la Frontera, compartilhando um pouco da história do coletivo e explicando como funcionam as batalhas de poesia.



Foto 30: Dia da Luta Antimanicomial na Praça da Paz. 2022. Fonte: arquivo pessoal

Naquele contexto, realizamos uma batalha de poesia aberta à participação das pessoas presentes. A recepção foi extremamente positiva e superou nossas expectativas. Participantes que poucas horas antes estavam compartilhando poemas na roda do CAPS passaram a ocupar novamente o microfone, agora em um espaço público mais amplo, diante de novos ouvintes. A vencedora da batalha foi Adna, que, em um gesto de generosidade e coletividade, decidiu dividir sua premiação com outros participantes, entre eles Yuri e Lucas.

Ao revisitar essa memória, percebo que a atividade realizada no CAPS AD e sua continuidade na Praça da Paz constituíram uma das experiências mais significativas da minha trajetória como mediadora cultural. Foram momentos que evidenciaram o potencial da poesia para criar encontros, fortalecer a autoestima, ampliar espaços de participação e promover formas de expressão que muitas vezes permanecem invisibilizadas. Mais do que realizar uma oficina ou uma batalha, estávamos construindo oportunidades para que diferentes pessoas pudessem contar suas histórias e ser escutadas.



Foto 31: Dia da Luta Antimanicomial na Praça da Paz. 2022. Fonte: arquivo pessoal



Foto 32: Aniversário de três anos, 2022. Fonte: arquivo pessoal

A edição da fotografia acima, foi realizada no mês de junho de 2022, e celebrou os três anos do Slam de la Frontera na Biblioteca Comunitária Cidade Nova. O evento foi pensado como um momento de encontro, formação e celebração da trajetória construída coletivamente ao longo dos anos. Diferentemente de

algumas edições regulares, a programação foi mais extensa e reuniu diferentes atividades artísticas e formativas ao longo do dia.



Foto 33: Aniversário de três anos, 2022. Fonte: arquivo pessoal

Confesso que os dias que antecederam o evento foram marcados por certa apreensão. O tempo estava bastante instável, alternando momentos de céu nublado, chuva e o sol tímido. Em alguns momentos cheguei a cogitar adiar a atividade, pois acreditava que o clima poderia afastar o público e comprometer a programação planejada. Ainda assim, decidimos seguir com a realização do evento. Com o apoio da equipe e dos parceiros envolvidos, conseguimos montar uma tenda na área externa da biblioteca, criando alternativas para que as atividades acontecessem mesmo diante do clima instável.

A programação teve início com uma oficina de corpo e voz ministrada por Rayuni Unum. A atividade teve longa duração e mobilizou diversas pessoas interessadas em explorar a expressão corporal, presença cênica e uso da voz. Ao longo da oficina, foi possível perceber diferentes níveis de envolvimento dos participantes: algumas pessoas permaneceram durante toda a atividade, enquanto outras participavam por um período e depois retornavam. A oficina contribuiu positivamente para que muitas pessoas se sentissem mais confiantes e preparadas para ocupar o microfone aberto e participar da batalha de poesia.



Foto 34: Oficina de corpo com Rayuni Unum, 2022. Fonte: Arquivo pessoal

Também realizamos uma oficina de lambe-lambe, conduzida por Pedro Alencar e Doug (Douglas Oliveira). Durante a atividade, os participantes aprenderam sobre diferentes técnicas de produção e aplicação dos cartazes, desde o preparo da cola até as possibilidades de intervenção artística no espaço urbano. A oficina proporcionou um diálogo sobre comunicação visual e ocupação da cidade, fortalecendo os vínculos entre poesia, arte urbana e ativismo cultural.



Foto 35: Oficina de lambe-lambe com Pedro e Doug, 2022. Fonte: arquivo pessoal

A biblioteca ficou completamente ocupada, reunindo pessoas de diferentes idades e trajetórias. Muitas acompanharam as oficinas, o microfone aberto e a batalha de poesia dentro do espaço, enquanto outras permaneceram do lado de fora, observando pelas janelas e acompanhando as atividades. Estimo que aproximadamente cinquenta a sessenta pessoas participaram do evento ao longo do dia.

Naquele momento, o coletivo contava com a participação de Fadel Guierrez, Lyda Medina, Thainá Malta, Maria Luiza, Luiza Nicole de Melo e outras pessoas, que contribuíram ativamente para a construção das atividades. A celebração dos três anos do Slam de la Frontera representou muito mais do que um aniversário. Foi um momento de reconhecimento da trajetória construída coletivamente, de fortalecimento dos vínculos entre as pessoas envolvidas e de reafirmação do compromisso com a poesia, a formação artística e a ocupação cultural dos espaços da cidade.



Foto 36: Slam Paraná em Curitiba, 2022. fonte: arquivo pessoal

Esta fotografia registra a primeira participação do Slam de la Frontera no Slam Paraná, realizado em Curitiba, em novembro de 2022. A delegação foi composta por mim, Eduardo Reis(Cigano) e Douglas Oliveira(Doug), que representaram o coletivo na competição estadual. Para viabilizar a viagem, organizamos uma rifa com produtos produzidos pelo próprio Slam, como camisetas, adesivos e zines. O valor arrecadado ajudou a custear as despesas de transporte de ida e volta. Ao chegarmos em Curitiba, fomos acolhidos por pessoas do Slam Contrataque, Trava da Fronteira e Emerson Nogueira. Por ser a nossa primeira participação em uma competição estadual, chegamos bastante ansiosos. No entanto, fomos muito bem recebidos e contamos com o apoio de diversas pessoas que acompanharam e torceram pela nossa participação. O resultado superou nossas expectativas, Cigano conquistou o terceiro lugar na competição, levando o Slam de la Frontera ao pódio logo em sua primeira participação no Slam Paraná.

Essa experiência foi extremamente significativa para o coletivo, pois marcou nossa inserção no circuito estadual de slam poetry, fortaleceu vínculos com outros coletivos e demonstrou que o trabalho desenvolvido em Foz do Iguaçu possuía força e reconhecimento para dialogar com a cena paranaense da poesia falada.



Foto 37: Trava da Fronteira, Poeta Gabriela e Cigano, 2022. fonte: arquivo pessoal

A comemoração dos quatro anos do Slam de la Frontera foi realizada em maio de 2023. O evento aconteceu em um momento bastante desafiador para mim, pois eu ainda estava me recuperando da COVID-19 e havia contraído dengue poucos dias antes da atividade. Apesar das dificuldades de saúde, optamos por manter a programação, já que tudo estava organizado. Nessa edição, contei com o apoio de Vinicius Castro (Ficticius), que atuou na produção do evento, articulando ações de divulgação, difusão e parcerias que contribuíram para que a atividade acontecesse da melhor forma possível.

O aniversário contou com uma ampla programação cultural, incluindo feira de produtos independentes, venda de comidas e bebidas, participação da editora independente Kapivara Kartoner e comercialização de materiais produzidos pelo próprio Slam de la Frontera. Também tivemos apresentações artísticas de Trava da Fronteira, dos DJs SoundClaudio e Dj Sthe, Guerreiro Nyan, diretamente de Cascavel, além da participação de MC Humber e do grupo Piseres de Embaúba, com a apresentação de coco.

Para receber o público esperado, montamos uma estrutura ampla nos fundos da Biblioteca Comunitária Cidade Nova. O cenário havia sido utilizado anteriormente nas gravações do videoclipe *Universos Distintos*, dirigido por Vinicius Castro, e, ao final do evento, realizamos uma exibição do trabalho para as pessoas presentes. A

estratégia funcionou muito bem, sendo uma das edições com maior público de toda a trajetória do Slam de la Frontera.

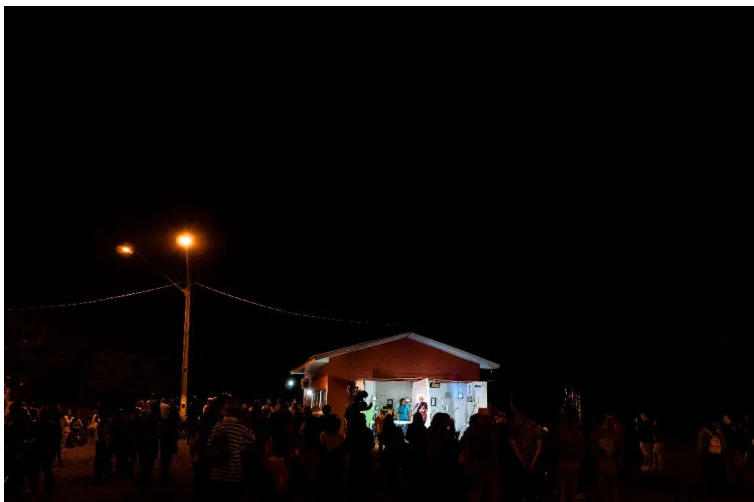


Foto 38: Aniversário de quatro anos Slam De la Frontera, 2023. Fonte: arquivo pessoal

O evento foi prestigiado e recebeu diversos elogios do público presente. Ao mesmo tempo, muitas pessoas manifestaram sentir falta da tradicional batalha de poesia, que acabou não sendo realizada naquela ocasião. Por questões de logística e também por inseguranças relacionadas à organização de uma programação tão extensa, optamos por priorizar as apresentações artísticas e culturais. Ao revisitar essa edição, percebo que ela representou um importante momento de consolidação do Slam de la Frontera como articulador de diferentes linguagens artísticas e culturais. Mesmo diante dos desafios pessoais e organizativos, a grande participação do público demonstrou a força das redes construídas ao longo dos anos e o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo coletivo na cidade.



Foto 39: Slam Paraná 2023. Fonte: arquivo pessoal

Em setembro de 2023, participamos novamente do Slam Paraná, realizado em Curitiba. Desta vez, a delegação do Slam de la Frontera foi composta por mim, Lara Sorbille e Douglas Oliveira. Assim como na edição de 2022, organizamos a venda de produtos do coletivo, como camisetas, adesivos e publicações independentes, com o objetivo de arrecadar recursos para custear as despesas da viagem. A competição foi uma experiência importante, mas diferente da vivida no ano anterior. Conseguimos avançar apenas até a segunda fase da disputa, sendo eliminados em seguida. Embora o resultado tenha gerado certa frustração, especialmente diante das expectativas criadas após a participação de 2022, a experiência também proporcionou reflexões importantes sobre preparação, organização e amadurecimento dentro do circuito de slam.

Durante a viagem, contamos mais uma vez com o apoio de pessoas da comunidade do slam, que contribuíram para que conseguíssemos retornar para casa e seguir participando desses espaços de troca e aprendizagem. Além da competição em si, aproveitamos a oportunidade para reencontrar amigos, conhecer novas pessoas e fortalecer vínculos com outros coletivos do estado.



Foto 40: Slam Paraná 2023. Fonte: arquivo pessoal

Ao revisitar essa experiência, percebo que ela foi marcada por sentimentos contraditórios: de um lado, a decepção pelo resultado obtido; de outro, a compreensão de que os processos de formação também acontecem por meio dos desafios e das derrotas. A participação no Slam Paraná reafirmou a importância da persistência, da preparação contínua e da construção coletiva, elementos fundamentais para a trajetória do Slam de la Frontera.



Foto 41: Slam Paraná 2023. Fonte: arquivo pessoal



Foto 42 : Slam Paraná no CNI, 2025. Fonte: Amanda Coutinho

O Slam Paraná de 2025 aconteceu em outubro, em Foz do Iguaçu, tendo como sede a Biblioteca Comunitária Cidade Nova (CNI), e constituiu um importante marco para o Slam de la Frontera e para a cena da poesia falada na cidade e no estado. O evento ocorreu ao longo de dois dias e reuniu representantes de 13 comunidades de slam do Paraná. O projeto foi aprovado pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, com recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), por meio do Ministério da Cultura e do Governo Federal. Nesta edição, a equipe de produção foi composta por mim, na função de Produção Executiva; Sueli de Souza, como Assistente de Produção; Emerson Nogueira, como Produtor de Slams e poeta; Érica Paiva, na Coordenação Geral; e Pedro Marques, responsável pela Gestão Financeira e Prestação de Contas.

A programação teve início no sábado com uma oficina de performance poética ministrada por Kimani. Aberta à comunidade e às(aos) slammers participantes do campeonato, a atividade proporcionou um espaço de formação, troca de experiências e fortalecimento da cena da poesia falada. Durante a oficina, a poeta compartilhou aspectos de seu processo de escrita e de construção da performance, articulando momentos teóricos e práticos. Como exercício, Kimani propôs a formação de pequenos grupos para a interpretação de poemas autorais. Cada participante foi convidado(a) a experimentar diferentes formas de dizer o texto, explorando possibilidades corporais, vocais e cênicas. A dinâmica evidenciou a

diversidade de interpretações possíveis para uma mesma obra e reforçou o caráter coletivo, criativo e formativo do encontro.



Foto 43: Slam Paraná no CNI, 2025. Fonte: Emerson Nogueira

No domingo foi realizada a batalha do Slam Paraná, iniciada no período da tarde com transmissão ao vivo pelo YouTube no canal do Slam PR. Além da competição, a programação contou com uma contação de histórias para o público infantil, conduzida por Izabela Fernandes, no espaço interno da biblioteca, enquanto a batalha acontecia na área externa. O evento também contou com a participação da nossa tradicional feira autônoma, com comercialização de alimentos, bebidas, artesanatos, publicações independentes, fanzines, cartoneiras, camisetas e outros materiais produzidos por artistas e coletivos. A apresentação da batalha foi conduzida na primeira rodada por Pedro Marques, slammaster do Slam Pé Vermelho, e na segunda rodada, foi conduzida por mim, slammaster do Slam de la Frontera. Ao final da disputa, a slammer Trava da Fronteira conquistou o título estadual, dividindo o pódio com Lu Black, do Slam Zumbi, Dandara, de Curitiba, e Agá Vilela, do Slam da Praça de Londrina. Sem dúvida, foi uma competição

marcada por performances de alto nível, pela diversidade de vozes presentes e pela expressiva participação do público.

O processo de organização do Slam Paraná também revelou os desafios envolvidos na realização de um evento dessa dimensão. Durante as etapas de planejamento, houve um esforço coletivo para viabilizar a participação de um(a) representante do Slam de la Frontera no estadual, considerando que Foz do Iguaçu seria a cidade-sede. Porém, não foi possível realizar as edições classificatórias necessárias para definir esse representante, resultando na ausência do coletivo na disputa.

Esse período coincidiu com o oitavo mês da minha gestação, precisei me desdobrar entre as demandas físicas e emocionais da gravidez e as responsabilidades relacionadas à organização do evento. As articulações com a equipe organizadora, a divulgação em diferentes espaços da cidade, os contatos institucionais e o acompanhamento da programação demandaram um intenso trabalho de pré produção, desenvolvido de forma colaborativa com integrantes do coletivo, entre elas Thainá e Sueli. Apesar do desgaste físico e emocional e dos momentos de exaustão, compreendi nesse processo a importância que o Slam Paraná representava para Foz do Iguaçu, para a Biblioteca CNI e para o fortalecimento da cena da poesia falada na cidade e no estado. Essa experiência evidenciou que a realização de um evento desse porte, envolve um trabalho muitas vezes invisibilizado, sustentado pelo compromisso coletivo, e pela resistência de seus organizadores.

Antes dessa pesquisa, ainda não havia feito o exercício de refletir sobre as especificidades que caracterizam de alguma maneira o Slam de la Frontera. Sempre que o coletivo é apresentado em diferentes lugares começamos com perguntas do tipo “alguem já ouviu falar de slam?” ou “batalha de poesia é diferente de batalha de rima” (quando há associação)? ou “nós do coletivo Slam de la Frontera atuamos em tal lugar, da seguinte maneira...”, enfim... Começaria por dizer do território em que atuamos, por ser de tríplice fronteira nos caracterizamos por esse lugar de circulação de pessoas, cultura, e idiomas, que têm impacto na escrita das pessoas participantes do movimento. Destacaria também a pluralidade linguística, acredito que é uma das características mais marcantes do Slam de la Frontera, já que é frequente poesias em português, espanhol ou portunhol, e também já tivemos edições onde foi possível escutar poesias em crioulo haitiano, francês e guarani. Por

fim, destaco se tratar de um espaço de formação de comunidade, pois para além de desenvolver batalhas de poesia, o slam se torna uma via de formação de novos/novas/noves poetas, incentivando as pessoas à prática da escrita, do recitar/compartilhar e da escuta. Além disso, o espaço fortalece artistas locais por meio de atividades como música, exposição e venda de artes, artesanato e comida na feirinha autônoma, construindo um lugar de acolhimento e pertencimento.



Foto 44 : Slam Paraná no CNI, 2025. Fonte: Emerson Nogueira

3 - Outras ações e participações do Slam de La Frontera

Além das edições regulares do Slam de la Frontera e das participações em competições estaduais, o coletivo também desenvolveu diversas ações culturais, educativas e comunitárias ao longo de sua trajetória. Essas atividades contribuíram para ampliar o alcance do projeto, fortalecendo o diálogo com diferentes públicos e ocupando espaços para além das batalhas de poesia.

Entre essas experiências estiveram visitas a escolas para apresentar o movimento slam e promover rodas de conversa sobre literatura marginal e poesia falada, a participação em atividades voltadas ao Dia Nacional da População em Situação de Rua (2022), a presença no II Encontro Internacional de Tradução e Edição Comunitária (UNILA, 2025), a exibição do documentário “Slam: Voz de Levante” em parceria com o Cineclube Nuestra Sala, e ações realizadas em conjunto com o El Punto Bar, espaço que acolheu diferentes atividades culturais e

algumas edições do Slam de la Frontera, em 2024.

Embora diferentes entre si, essas iniciativas compartilhavam um mesmo objetivo: ampliar o acesso à poesia, fortalecer redes culturais e promover espaços de encontro, escuta e expressão artística. Essas experiências demonstram que o Slam de la Frontera não se limitou à realização de batalhas de poesia, mas também atuou como ferramenta de mediação cultural, formação artística e articulação comunitária em diferentes contextos da cidade.

4 - Materiais Slam de La Frontera

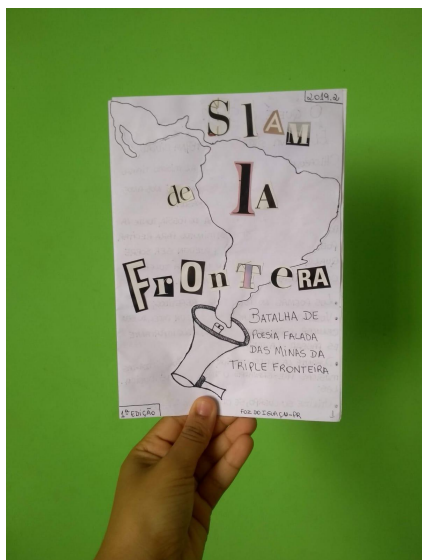


Foto 45: Primeiro fanzine do De de La Frontera, 2019. Fonte: arquivo pessoal



Foto 46: Primeiras camisetas do Slam De la Frontera, 2022. Fonte: arquivo pessoal



Foto 47: Produtos Slam de La Frontera, 2024. Fonte: Arquivo pessoal.

CONCLUSÃO

Ao longo deste memorial, busquei registrar e refletir sobre a trajetória do Slam de la Frontera em Foz do Iguaçu. Revisitar fotografias, documentos, registros e memórias foi um processo atravessado por incertezas, dúvidas e também pela convicção da importância do que estou aqui relatando. Esse percurso me permitiu reconstruir parte da história do coletivo e, ao mesmo tempo, revisitar minha própria trajetória como participante, organizadora e mediadora cultural. Considero fundamental preservar nossas narrativas e memórias, especialmente aquelas construídas a partir de iniciativas culturais independentes. Reconhecer essas experiências é também reconhecer sua importância para a produção de conhecimento, para a valorização da cultura local e para o fortalecimento dos vínculos comunitários.

Desde 2019, o Slam de la Frontera foi sendo construído e transformado coletivamente, consolidando-se, ao longo do tempo, como um espaço de escuta, expressão e pertencimento. Em um território marcado pela diversidade cultural da tríplice fronteira, tivemos como proposta construir encontros que ultrapassassem o formato competitivo das batalhas de poesia, e vimos a necessidade de construir um espaço plural, articulando oficinas temáticas, rodas de conversa, exhibições de filmes, apresentações artísticas e ações em parceria com escolas, coletivos, equipamentos públicos e outros movimentos culturais. Essas experiências

demonstraram que a poesia falada pode atuar como uma importante ferramenta a fim de promover o diálogo entre diferentes comunidades, valorizando outras narrativas e ampliando as possibilidades de participação e ocupação em diferentes pontos da cidade.

Essa construção não se deu de forma isolada. Pelo contrário, foi fortalecida por muitas mãos e pelas trocas estabelecidas com outras comunidades de slam, especialmente por meio do circuito Slam Paraná, das referências construídas por coletivos como o Slam Pé Vermelho e o Slam Contrataque e do diálogo com a Biblioteca Comunitária CNI, que nos acolheu e segue acolhendo o movimento de forma permanente. Tudo isso reafirma a importância de acreditar na potência da palavra como instrumento de transformação social. Mais do que registrar a história de um coletivo, este memorial me permitiu rever e compreender minha própria formação como pessoa e, sobretudo, como mediadora cultural. Durante esse percurso, aprendi que mediar não significa apenas organizar atividades ou aproximar pessoas da arte, mas criar condições para que diferentes vozes possam ser escutadas, legitimadas e reconhecidas. Aprendi que a escuta é uma prática política e cotidiana, que o cuidado com o território fortalece relações de pertencimento e que a cultura se constrói, sobretudo, por meio das pessoas, dos afetos e dos encontros. Essas aprendizagens ultrapassam os limites deste trabalho e seguirão orientando minha atuação profissional e pessoal.

Abaixo, deixo dois registros que considero importantes e que não poderiam ficar de fora deste trabalho. O primeiro retrata a primeira vez em que atuei como slammaster, em 2019, quando tudo ainda era muito novo e eu tinha pouca experiência. Naquele momento, não imaginava a dimensão que essa trajetória tomaria e os caminhos que ela abriria em minha vida. O segundo registro mostra minha participação como slammaster no Slam Paraná. Embora já contasse com mais experiência, o nervosismo ainda estava presente, assim como a disposição para seguir aprendendo. Sou eternamente grata a esse movimento de rua, que me formou e segue marcando profundamente minha trajetória como agitadora e mediadora cultural. Satisfação.



Foto 48 : Primeira vez como slammaster, 2019. Fonte: arquivo pessoal



Foto 48 : Slammaster no Slam Paraná, 2025. Fonte; Amanda Coutinho

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

CIDADE NOVA INFORMA. Slam de la Frontera no bairro Cidade Nova. Disponível em:

<https://cidadenovainforma.com.br/noticia/slam-de-la-frontera-no-bairro-cidade-nova>.

Acesso em: 22 jun. 2026.

COLETIVO MÃOS NEGRAS. Coletivo Mãos Negras. YouTube, [s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Stld2zwOxTA>. Acesso em: 22 jun. 2026.

D'ALVA, Roberta Estrela (2011). Um microfone na mão e uma ideia na cabeça - O poetry slam entra em cena. Synergies Brésil, n. 9, São Paulo, p. 119-126.2011

D'ALVA, Roberta Estrela. Slam: voz de levante. Rebento, São Paulo, n. 10, p. 268-286, jun. 2019.

D'ALVA, Roberta Estrela; LOHMANN, Tatiana (Dir.) (2017). Slam! A voz do levante. Rio de Janeiro: Globo Filmes. Documentário. 1h35min.2017

FEDERAÇÃO PRUDENTINA DE TEATRO. Galpão da Lua. Disponível em: <https://federacaoprudentinadeteatro.blogspot.com/p/quem-somos.html>. Acesso em: 22 jun. 2026.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada. Descolonizando o conhecimento. Palestra-performance proferida em 2016.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. Linha D'Água, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. ISSN: 2236-4242. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

OLIVEIRA, B.F. A escuta psicanalítica de jovens competidores do slam. Jornal da Universidade. [s.l.], [s.d.]. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/291201/182-5.pdf?sequence=1&isAllowed=y>Acesso em: 22 jun. 2026.

SLAM PÉ VERMELHO. slampevermelho. Instagram / Facebook / Linktree. Disponível em: <https://linktr.ee/slampevermelho>. Acesso em: 22 jun. 2026.

SLAM PÉ VERMELHO. “Poesia é o Conselho, Slam Pé Vermelho” retorna com suas atividades em novo espaço. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://omaringa.com.br/noticias/maringa/poesia-e-o-conselho-slam-pe-vermelho-retorna-com-suas-atividades-em-novo-espaco/>. Acesso em: 22 jun. 2026.

UNILA HISTÓRIA. Slam de la Frontera: poesia falada e resistência. 2024. Disponível em: <https://unilahistoria.blogspot.com/2024/07/slam-de-la-frontera-poesia-falada-e.html>. Acesso em: 22 jun. 2026.

VILAR, Fernanda. et al. Migrações e periferias: o levante do slam. Revista Elbc, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/5TcrrxVk98Bb3sPhswqDd8g/>. Acesso em: 22 jun. 2026.
